

REBECA MARIA PAROLI

**AVALIAÇÃO DE PROGRAMAS PARA APLICAÇÃO DE JORNAL
EM SALA DE AULA COMO RECURSO PEDAGÓGICO
INOVADOR: UMA NOVA GESTÃO DO ENSINO**

**PUC-Campinas
2006**

REBECA MARIA PAROLI

**AVALIAÇÃO DE PROGRAMAS PARA APLICAÇÃO DE JORNAL
EM SALA DE AULA COMO RECURSO PEDAGÓGICO
INOVADOR: UMA NOVA GESTÃO DO ENSINO**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação na área de Ensino Superior do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. João Baptista de Almeida Júnior.

**PUC-Campinas
2006**

Ficha Catalográfica elaborada pelo SBI-Processos Técnicos - PUC-Campinas.

t370.71 Paroli, Rebeca Maria

P257a Avaliação de programas para aplicação de jornal em sala de aula como recurso pedagógico inovador: uma nova gestão do ensino / Rebeca Maria Paroli. - Campinas: PUC-Campinas, 2006.
110p.

Orientador: João Baptista de Almeida Júnior.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pós-Graduação em Educação.

Inclui anexos e bibliografia.

1. Professores – Formação. 2. Universidades e faculdades – Avaliação. 3. Leitura de jornais. 4. Comunicação de massa. 5. Jornais brasileiros. I. Almeida Júnior, João Baptista de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Pós-Graduação em Educação. III. Título.

22.ed. CDD – t370.71

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Autora: PAROLI, Rebeca Maria.

Título: **Avaliação de programas para aplicação de jornal em sala de aula como recurso pedagógico inovador: uma nova gestão do ensino**

Orientador: dr. João Baptista de Almeida Júnior

Dissertação de Mestrado em Educação.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Educação da PUC-Campinas e aprovado pela Banca Examinadora.

Data: 02/02/2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Baptista de Almeida Júnior

Prof^a. Dr^a. Regina Célia Baptista Belluzzo

Prof^a. Dr^a. Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho

Dedico este trabalho à D. Lina, educadora
que me inspira, fascina e incentiva.
É a pessoa mais sensata que conheço
e da qual eu sinto muito orgulho:
minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Aos meus irmãos Carlos e Antônio, cujo apoio foi fundamental para o ingresso no mestrado.

Em especial, ao professor dr. João Baptista de Almeida Júnior, que me orientou com brilhantismo e competência e ao qual sou muito grata pela paciência, incentivo e conhecimento transmitido, desde a graduação.

À coordenadora do mestrado, dra. Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho, que me proporcionou os mais significativos conhecimentos.

À dra. Regina Célia Baptista Belluzzo, que atendeu prontamente ao convite para participar das bancas de qualificação e defesa, oferecendo valiosas contribuições.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas, Regina, Luís e Kelly, que sempre se mostraram prestativos.

À CAPES, com a bolsa PROSUP I no último ano dos meus estudos.

“Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual a sua visão do mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura” (LEONARDO BOFF).

RESUMO

PAROLI, Rebeca Maria. **Avaliação de programas para aplicação de jornal em sala de aula como recurso pedagógico inovador: uma nova gestão do ensino.** Dissertação de Mestrado em Educação. PUC-Campinas, 2006, 110 p. Orientador: Prof. Dr. João Baptista de Almeida Júnior.

O presente trabalho, inserido na linha de pesquisa “Avaliação Institucional e Gestão Universitária”, com problematizações sobre a “formação de professores”, avalia material de dois programas elaborados por empresas jornalísticas, direcionados a professores para o uso do jornal em sala de aula. A avaliação é feita com base em cinco categorias, sendo elas: capacitação de professores, desenvolvimento de uma competência midiática, jornal como instrumento didático-pedagógico, jornal como instrumento que estimula a criticidade e jornal como instrumento que promove a interdisciplinaridade. Também foi obtida a opinião de coordenadores de programas com esta finalidade, por meio de questionário on-line. A presente pesquisa surgiu porque, em Educação, os educadores deveriam estar atentos às influências dos meios de comunicação e das novas tecnologias de comunicação e informação na escola. Como isso não ocorre de modo satisfatório, as empresas jornalísticas é que estão preparando os professores para o uso nem sempre didático do jornal, por meio de programas com objetivos comerciais. Como são muitos os programas deste tipo, sendo 50 ao todo, uma análise do ponto de vista pedagógico de materiais distribuídos aos professores torna-se relevante, já que a quantidade de programas cresce a cada ano, ao mesmo tempo em que há uma queda no número de leitores diários de jornais. O objetivo principal da pesquisa é demonstrar que a criticidade deve estar sempre presente na utilização de reportagens em sala de aula, já que as empresas jornalísticas possuem ideologias e interesses que podem não ser os mesmos da Educação. Portanto, o trabalho aborda uma reflexão sobre quem deveria preparar os professores para a utilização do jornal em sala de aula: as empresas jornalísticas ou os cursos de formação de professores?

Palavras-chave: Avaliação Institucional; Inovação Pedagógica; Uso Crítico de Jornal em Sala de Aula.

ABSTRACT

PAROLI, Rebeca Maria. **Evaluation of programs to use newspaper in the classroom as a new pedagogic resource: a new teaching approach.** Master's dissertation in Teaching. PUC-Campinas, 2006, 105 p. Orientador: Prof. Dr. João Baptista de Almeida Júnior.

The present work is part of the research "Institutional Evaluation and College Conduct" with problems on the teachers' graduation. It evaluates the material of two different programs created by journalistic companies where the teachers should use newspaper in the classroom. The evaluation is done based on five items, such as teachers' graduation, media competence, newspaper as a pedagogic didactic instrument, criticism and interdisciplinarity. The opinion of the program coordinators was taken by an on-line questionnaire. This research was done because, in Teaching, the teachers should be aware to the influences of the means of communication, the new technologies and the information at school. As it is not satisfactory, the journalistic companies are preparing the teachers to use the newspaper by means of programs with commercial purposes. There are 50 programs with these purposes. It is important to analyse these materials with a pedagogic point of view because the number of program is increasing and the number of daily newspaper readers is falling down. The main reason of the research is to show that the criticism must be in the use of the news inside the classroom as the journalistic companies have ideologies and interests different from the teaching. However, the work asks a question: "Who should be prepared? The teachers to use the newspaper in the classroom, the journalistic companies or the graduation teachers' course?"

Key words: Institutional Evaluation, Pedagogic Change, Critical Use of Newspaper in the Classroom .

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1	
A Sociedade Contemporânea e a Mídia	18
1 A influência da mídia na sociedade de hoje	18
2 As mediações na comunicação contemporânea	23
3 Os papéis da mídia na sociedade contemporânea	28
Capítulo 2	
Educação e Comunicação	31
1 Informação x Conhecimento na Educação	31
2 Como a mídia interfere na educação	40
3 Uso do jornal em sala de aula: justificativas	44
4 Possibilidades do uso do jornal em sala de aula	48
Capítulo 3	
Formação de Professores	52
1 O uso de instrumentos didáticos-pedagógicos em sala de aula	52
2 A formação de professores na contemporaneidade	56
Capítulo 4	
Programas de Uso Jornal em Sala de Aula	60
1 Metodologia de análise dos programas de uso do jornal em sala de aula ..	60
2 Avaliação de Programas de Uso do Jornal em sala de aula	64
2.1 O Programa Alfa	65
2.2 Programa Beta	76
2.3 A posição dos responsáveis pelos programas de uso de jornal em sala de aula	84
Considerações Finais	92
Bibliografia Consultada	95
Anexos	101

INTRODUÇÃO

A grande quantidade de informações divulgadas pelos meios de comunicação na atualidade sugere mudanças na Educação. Simplesmente reproduzir ou aceitar, sem questionamentos, o que é divulgado pela mídia precisa deixar de fazer parte do dia-a-dia dos cidadãos. A criticidade deveria estar presente na leitura e no consumo dos produtos dos meios de comunicação. Mas não somente uma crítica de discórdia, visando unicamente à contestação. A crítica, à que nos referimos, leva o leitor a construir um conhecimento, aliado ao prazer da leitura de um texto jornalístico. Na criticidade está incluída a possibilidade de negação de determinado meio de comunicação ou assunto, ou seja, a escolha daquilo que realmente é relevante para o crescimento do leitor, inserido em uma sociedade influenciada pelos meios de comunicação. Para que isso ocorra, a Educação precisaria deixar de lado seu paradigma conservador de transmissão do conhecimento e se voltar para a contemporaneidade, que exige um professor e aluno, também leitores e consumidores dos meios de comunicação, críticos e ativos, que saibam selecionar as informações realmente relevantes e, a partir daí, construir o conhecimento. Hoje muito se fala sobre a passividade dos leitores ou receptores dos meios de comunicação. Essa passividade pode ser uma influência desse paradigma conservador da Educação, fazendo com que o aluno/leitor ou professor/leitor aceite, por exemplo, como verdade absoluta, aquilo que está escrito nos jornais, somente por ter sido escrito ou divulgado por um jornalista.

A criticidade na utilização dos meios de comunicação (dos quais o jornal faz parte) na escola é essencial para que o direcionamento educativo seja efetivado com a utilização de reportagens de jornais em sala de aula, já que são muitos os professores que se utilizam desse recurso não escolar como um válido instrumento didático-pedagógico.

Em decorrência da necessidade de revisão de determinadas práticas educativas em face à influência dos meios de comunicação nas relações sociais da atualidade, especificamente aquelas que utilizam jornais em sala de aula, desenvolveu-se este trabalho, inserido na linha de pesquisa “avaliação institucional e gestão universitária”, também com problematizações sobre a formação de professores.

Programas elaborados por empresas jornalísticas para o uso do jornal em sala de aula vêm aumentando ultimamente, coincidindo com uma também crescente queda de leitores de jornais. Incentivar a leitura de jornais por parte dos alunos e professores por meio destes programas pode não ser o melhor caminho, já que ideologia implícita nas reportagens pode, em grande parte, atender a uma lógica mercadológica, que não condiz com a Educação que se pretende buscar na atualidade. Como são muitos os materiais dessas empresas jornalísticas – apostilas e cursos de capacitação para professores utilizarem o jornal em sala de aula – faz-se necessária uma avaliação pedagógica do material elaborado e distribuído aos professores, pois a Comunicação está “invadindo” um espaço que deveria ser preenchido pela própria Educação.

A Educação deveria estar atenta a esta necessidade da atualidade, necessidade de inserção de recursos mais imediatos, como os jornais, que atraiam a atenção dos alunos e que tragam os fatos da realidade para debates dentro da sala de aula. Pelo que se verifica, justamente por a Educação ainda não estar inserida nesta nova realidade, é que as empresas jornalísticas acabam ocupando esta lacuna.

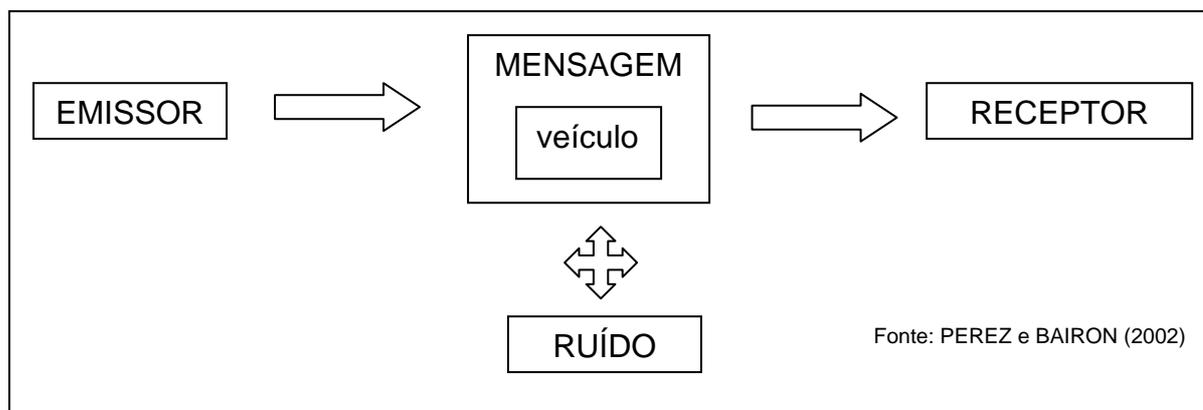
Neste trabalho, serão avaliados os materiais direcionados aos professores, as apostilas, de dois programas destas empresas, de acordo com categorias elencadas e consideradas relevantes para a prática docente.

A questão norteadora das avaliações é: qual a proposta pedagógica dos programas de uso de jornal em sala de aula, seus fundamentos e metodologias de trabalho, que podem auxiliar e complementar a capacitação do professor em relação à aplicação do jornal como recurso didático-pedagógico?

É importante, antes de iniciar a explanação sobre o direcionamento dos trabalhos, esclarecer alguns conceitos que serão utilizados durante toda esta dissertação. Primeiramente, entenderemos o que é comunicação. O termo está tão popularizado, que acaba reduzido à denominação de problemas entre as pessoas nos locais de trabalho. Na Universidade, em muitos casos, comunicação virou um departamento que pretende formar jovens em profissões como: publicitários, jornalistas e relações públicas. Mas a palavra comunicação, que vem do latim *communis*, traz a idéia de comunhão, que significa, de maneira bastante restrita, comungar, participar em comum, transmitir, compartilhar (PEREZ e BAIRON, 2002).

Ampliando este conceito, podemos entender a comunicação como um processo. Segundo histórico apresentado por Perez e Bairon (2002), vários estudos sobre o processo de comunicação foram realizados, iniciados por Aristóteles, que resumia o processo em: *quem – diz o quê – a quem*, passando por Harold Lasswell que, por volta de 1950, propôs: *quem – diz o quê – em que canal – a quem – com que efeitos*. A preocupação com o processo de comunicação, cada vez mais sofisticado devido aos avanços tecnológicos, fez com que Shannon e Weaver completassem ainda mais este processo, incluindo uma fonte de interferência, ou seja, um *ruído* na comunicação. Mas de acordo com os estudos da evolução do processo de comunicação, é importante ressaltar que alguns atores figuram em todos os modelos de processo de comunicação e envolvem principalmente quem fala e quem escuta, sendo eles: *emissor, veículo, receptor, mensagem e ruído*. Como não é objetivo deste trabalho fazer uma explanação mais ampla sobre o processo de comunicação, ficaremos com o modelo apresentado por Shannon e Weaver.

Modelo de processo de comunicação linear de Shannon e Weaver:



O emissor é aquele que codifica a mensagem e emite sinais codificados ao receptor. Algumas vezes, a fonte de informação da mensagem e o emissor são os mesmos, mas não no caso de um processo de comunicação por meio do veículo jornal. A fonte de informação, em uma entrevista, por exemplo, é uma pessoa, o entrevistado, e o emissor é o jornalista que escreveu o texto.

A mensagem tradutora da idéia, do conteúdo a ser transmitido dificilmente é neutra, pois o emissor, ao codificar a mensagem, inclui o seu ponto de vista, sua cosmovisão e suas ideologias. No caso do jornal, a mensagem é o texto publicado.

O veículo é o meio pelo qual a mensagem chega ao receptor. Em se tratando de reportagens jornalísticas, o veículo pode ser o jornal ou revista, produzido em uma empresa que atende à lógica do mercado e visa ao lucro, ou seja, conta com ideologias e interesses que podem estar implícitos nas mensagens divulgadas.

O receptor é aquele que recebe os sinais codificados pelo emissor, visando recuperar a mensagem original produzida. É o leitor do jornal e, neste trabalho, serão enfatizados como receptores os professores e alunos leitores de jornal.

Os ruídos são interferências no processo de comunicação, que prejudicam o conteúdo a ser transmitido. É o que distorce, atrapalha o fluir das

mensagens, em qualquer etapa do processo. Pode-se entender como ruído, no caso de reportagens, as ideologias dos emissores e os interesses das empresas jornalísticas.

Para ampliar um pouco mais os conceitos a serem tratados, definimos como meios de comunicação os veículos dedicados à difusão de mensagens recreativas e de informação para as maiorias, como o jornal, o rádio e a televisão (CANCLINI, 2001). A *mídia*, vocábulo que veio do latim *media*, designa também os meios, os veículos de comunicação (RAMOS, 1990). A mídia pode ser vista como sinônimo de meios de comunicação (IJUIM, 2002). Já a palavra *imprensa* será aplicada especificamente para designar algumas fontes de informação para o leitor, como o jornal, revista, rádio e televisão.

O avanço tecnológico, com expansão acelerada e contínua nas últimas décadas, com a informática, sistemas digitais e redes de computadores, entre outros, fez com que outros meios de comunicação se agregassem ao processo de comunicação. É o que entendemos neste trabalho por novas tecnologias da informação e da comunicação, que inclui a internet e equipamentos derivativos como computadores (CITELLI, 2004). Nesta dissertação, será abordado o uso do meio de comunicação, jornal, em sala de aula, o que não impede, em alguns momentos, ampliar a problematização em torno da sua aplicação a outros meios de comunicação e às novas tecnologias da informação e da comunicação, visto que o jornal, apesar de ser uma mídia antiga, ainda não tem todo seu potencial aproveitado em sala de aula, como ocorre também com os outros meios de comunicação e as novas tecnologias da informação e da comunicação.

Sendo assim, é possível acreditar que o uso do jornal em sala de aula, assim como de outros meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação, deva ser direcionado para a criticidade, visando sempre a uma inovação educacional. A inovação não se resume aos meios de comunicação ou às novas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula. A inovação está no modo como elas são aplicadas. Somente serão vistas como inovação, terão importância e justificar-se-ão pedagogicamente, se facilitarem o alcance dos objetivos de aprendizagem, de

construção do conhecimento e se forem eficientes para tanto (MASETTO, 2004).

Defenderemos um dos aspectos da inovação educacional com a utilização do jornal em sala de aula, que é a criticidade (CUNHA, 2002). É fundamental esclarecer que somente a criticidade não leva a uma inovação na Educação, mas é um dos itens necessários para que ela seja alcançada. Portanto, utilizar o jornal em sala de aula de maneira crítica pode ser um dos passos para se atingir a inovação na Educação.

A partir de agora, após os esclarecimentos e definição dos termos tratados nesta dissertação, serão apresentados os principais temas pesquisados. O trabalho inicia com a apresentação da influência do surgimento das primeiras impressoras, precursoras da imprensa, nos rumos das relações sociais na sociedade contemporânea (Capítulo I). Nesse capítulo, ainda são apontados os diversos papéis da mídia na atualidade e seus reflexos na Educação.

Já no Capítulo II, Educação e Comunicação, é demonstrada a relação entre a Educação e a Comunicação, com a necessidade de processos educacionais inovadores, que atendam a dinâmica da atualidade, com ênfase na criticidade. Há ainda a diferenciação entre informação e conhecimento e a apresentação de três das muitas maneiras de utilização do jornal em sala de aula, sendo que, em duas delas, a criticidade é o fator principal.

Aborda-se no Capítulo III, a formação de professores a partir de uma visão histórica e seletiva, com o desenvolvimento da sociedade, o surgimento dos meios de comunicação e de acordo com o paradigma atual da educação - de construção do conhecimento, com um professor mediador do processo de aprendizagem - a necessidade de transformações e adaptações na formação de professores. Apresenta ainda os aspectos da interdisciplinaridade na formação dos professores. Tal estudo é fundamental, pois são fortes os indícios de que os programas de empresas de comunicação para o uso de jornal em sala de aula existem, em parte, devido a uma lacuna deixada pelos cursos de licenciatura, que não acompanharam a dinâmica do desenvolvimento dos meios de comunicação e a sua influência nas relações sociais da atualidade.

No Capítulo IV, há a descrição da metodologia de avaliação dos programas de uso de jornal em sala de aula, com o desenvolvimento de uma planilha, com explicação e definição das categorias nas quais os materiais voltados ao professor, elaborados pelas empresas jornalísticas que possuem programas de uso de jornal em sala de aula, são analisados. Há ainda a própria avaliação dos dois programas e a avaliação das respostas de um questionário enviado aos coordenadores de Programas de Uso de Jornal em Sala de aula.

Objetiva-se, assim, com esta dissertação, compreender o potencial do uso crítico do jornal em sala de aula para que os professores dos cursos de licenciatura – formadores de novos docentes –, atuando como mediadores do conhecimento, vislumbrem a possibilidade, tanto para eles como para os seus alunos, de ampliação da aplicação da criticidade e do potencial apresentado sobre o jornal a outros meios de comunicação e, no futuro, às novas tecnologias da informação e da comunicação, quando estas fizerem parte da realidade corriqueira das salas de aula.

Outros objetivos, mais específicos, também são buscados com esta dissertação, sendo eles: apontar aspectos positivos e negativos de programas de uso do jornal em sala de aula; instigar a pesquisa e a construção do conhecimento, por meio de uma leitura crítica da mídia; apontar que o jornal, como agente motivador da pesquisa, é mais enriquecedor do que simplesmente utilizá-lo para se trabalhar o conteúdo das disciplinas; e refletir sobre a inclusão de noções sobre mídia na formação dos professores.

Algumas considerações são apresentadas como finalização do trabalho. Com as avaliações, foi possível evidenciar que os programas de jornal na sala de aula não se preocupam com uma formação mais ampla do professor, com um conhecimento sobre a mídia e com uma visão crítica sobre a própria mídia e sobre os assuntos divulgados. Apontar meios para o uso do jornal em sala de aula nos cursos de formação de professores, de modo que os docentes graduados sejam aptos a construir um conhecimento em conjunto com seus futuros discentes, evitando assim a reprodução dos conteúdos, inclusive da mídia, precisa fazer parte do dia-a-dia das licenciaturas. Apontar o uso didático-crítico do jornal em sala de aula, em que a criticidade seja uma

das características da inovação no processo de ensino, deverá causar rupturas e emergir para um novo conhecimento, para um novo processo de aprendizagem.

Constrói-se assim uma nova visão sobre o uso do jornal em sala de aula, apontando o potencial das reportagens e possibilidades de aproveitamento para a formação de professores mais críticos e sintonizados com a contemporaneidade.

CAPÍTULO 1

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A MÍDIA

As mudanças tecnológicas têm acontecido muito rapidamente nos dias atuais. Há um novo processo de modificação das relações da sociedade, a exemplo do que aconteceu com o advento da imprensa, que resultou na sociedade de hoje. Entender essa evolução e o processo de mudança da sociedade com o aparecimento da mídia é o que será explanado, de forma seletiva, neste capítulo. As mudanças das relações sociais que serão tratadas a seguir refletiram e ainda refletem nas instituições de ensino, que precisam acompanhar a dinâmica da atualidade.

1 A influência da mídia na sociedade de hoje

A sociedade atual conta com adjetivos como sociedade da informação, do conhecimento e da comunicação, entre outros, pois são muitos os pontos de vista sobre a sua natureza. Alguns autores se prendem ao aspecto da dinâmica e da quantidade de informação; já outros observam o elevado nível do conhecimento. Nesta dissertação não aprofundaremos esta discussão. Entendemos como contemporaneidade ou sociedade atual a que se estrutura sob a influência dos meios de comunicação e das novas

tecnologias da comunicação e da informação, a partir da visão de John B. Thompson (2004).

A invenção da mídia influenciou o rumo da contemporaneidade e as relações sociais da atualidade, no que diz respeito à Comunicação. A imprensa teve papel fundamental nos acontecimentos da história, desde as mais remotas formas de impressão até as mais recentes formas de comunicação digital. A expansão dos meios de comunicação se entrelaçou complexamente em outros processos de desenvolvimento, inclusive com a Educação que, olhados em sua totalidade, resultou no que hoje chamamos de modernidade. É fundamental esta visão ampla da influência do desenvolvimento da mídia no surgimento da sociedade atual, para explicar as ideologias, as manipulações e o poder dos meios de comunicação na contemporaneidade. As instituições educacionais que não se aliam ao conhecimento que os meios de comunicação podem proporcionar, claro que não se restringindo a eles e sempre com uma visão crítica sobre eles, podem ser vistas como não parceiras e não participantes de um processo social mais amplo e histórico (SOUSA, 1999).

O desenvolvimento das primeiras máquinas impressoras, precursoras da mídia e conseqüentemente da sociedade atual, foi parte e parcela do crescimento da economia capitalista no fim da Idade Média e início da Europa moderna. Ao mesmo tempo, estas impressoras se tornaram novas bases do poder simbólico, que é a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e de influenciar as ações dos outros (THOMPSON, 2004). Por meio do poder simbólico, ocorre uma nova forma de comunicação, um novo tipo de atividade social que utiliza vários recursos, como a imprensa.

Vamos apresentar historicamente o que Thompson (2004) revela como sendo o surgimento da modernidade, influenciada pela invenção da imprensa, modificadora das relações sociais e refletindo no campo educacional, com a impressão de livros e a difusão da informação por meio dos primeiros panfletos e periódicos e, posteriormente, com o desenvolvimento dos outros meios de comunicação.

Antes do surgimento da imprensa, havia quatro redes regulares de comunicação, que era basicamente oral, na Europa. A primeira delas foi

estabelecida e controlada pela Igreja Católica, por meio da divulgação de sua doutrina. A segunda era controlada pelas autoridades políticas dos Estados e Principados, como, por exemplo, os decretos, sempre lidos para a população e escritos a mão. A terceira estava ligada à expansão da atividade comercial e a quarta e última era relativa aos comerciantes, mascates, trovadores e contadores de histórias.

Com a Educação não era diferente. Havia somente um meio de Educação, privilégio de poucos que nasciam nas classes mais abastadas e podiam ter aulas com professores particulares. O conhecimento era monopólio das classes econômicas mais altas e dominantes.

Com o surgimento das gráficas impressoras no século XV, houve um aumento gradativo das atividades de comunicação, como, por exemplo, com os serviços postais regulares e o uso da imprensa na produção de notícias. Eram panfletos, cartazes, pôsteres e informativos, impressos em grande quantidade, com informações variadas, incluindo decretos do governo, descrições de eventos particulares, sensacionalismos e fenômenos absurdos, como aparecimento de gigantes e fenômenos sobrenaturais. O interesse da população pelas notícias era grande, pois apontava uma proximidade com a realidade social da época. Os impressos eram vendidos nas ruas e tornaram-se fontes de debates e discussões em bares e nas casas.

Esse fenômeno de comunicação social crescente pode ser compreendido como uma antecipação ou um precedente a um dos papéis da mídia na sociedade atual, o *agenda setting* da comunicação: capacidade de a mídia escolher o assunto que será divulgado, selecionando alguns dentre muitos acontecimentos da realidade social, de acordo com os seus interesses, como, por exemplo, a venda de jornais, publicando reportagens que aparentemente interessam à população, mas que nem sempre atendem aos seus reais anseios (BARROS FILHO, 1999). O *agenda setting* pauta o material a ser impresso, ao mesmo tempo em que determina, com seu recorte ideológico, as idéias que serão circuladas, pensadas, debatidas, repetidas e comentadas pelos leitores. Há outros autores, como Wolf (2001) e Citelli (2004), que preferem se referir ao *agenda setting* como hipótese do *agenda setting*. Apesar de apresentarem a mesma definição, apenas utilizam hipótese

por não haver comprovação científica de que isso ocorre. Mas todos são unânimes em afirmar que o *agenda setting* é um mecanismo de intermediação com os leitores, com características impositivas e manipuladoras. Entendemos, neste caso, como precedente do *agenda setting* por a imprensa ainda não estar estruturada na forma de empresas de comunicação, de indústrias, mas sendo possível já constatar indícios do poder da informação, das conseqüências e abrangência dos impressos, o que teria ajudado a alavancar as empresas do setor.

Com o surgimento da imprensa, houve avanços no campo educacional, Apareceram as primeiras publicações de livros, primeiramente em latim e, algum tempo depois, na língua vernácula. As técnicas de impressão espalharam o conhecimento por toda a Europa e, em 1480, já havia um florescente comércio de livros. Era um número ainda pequeno, ínfimo de leitores, mas que começou a incomodar o poder dominante da época, a Igreja, pois o monopólio da Educação e, conseqüentemente, do conhecimento estava se dissipando.

Simultaneamente, houve também um aperfeiçoamento dos panfletos de notícias. O surgimento dos primeiros jornais modernos aconteceu nas primeiras décadas do século XVII, com o aparecimento dos periódicos de notícias semanais, que já eram vistos com credibilidade por parte dos leitores. Thompson traz um histórico sobre o aparecimento dos primeiros impressos semanais, com o resumo de acontecimentos da época, em forma de compilações de notícias.

Em 1609 folhas semanais eram publicadas em várias cidades alemãs, incluindo Augsburg, Estrasburgo e Wlffenbüttel, e há algum indício de que um periódico semanal possa ter sido publicado algo em torno de 1607 em Amsterdã. Semanários – ou “corantos”, como eram chamadas estas primitivas compilações de notícias naquele tempo – logo surgiram em outras cidades e línguas (2004, p. 64).

Com os jornais periódicos, a expansão do conhecimento e da Educação, a população conhecia mais sobre os governos e os acontecimentos

do seu país, suscitando o surgimento da censura oficial, pois não era proveitoso para o governo ter uma população esclarecida sobre os principais acontecimentos do país e nem mesmo uma população educada por meio de livros e da imprensa.

Com a censura, não era permitido divulgar atos do governo e a maior parte das notícias vinha do estrangeiro. O interesse, no entanto, pelos acontecimentos locais era grande. As medidas do governo, visando barrar as atividades dos jornais e das gráficas, acabavam prejudicando o conteúdo. Thompson explica que o primeiro tipo de controle sobre a imprensa, exercido pelas autoridades do século XV, era por meio da cobrança de taxas.

As autoridades políticas procuravam exercer algum controle sobre a proliferação de periódicos e jornais através da imposição de taxas que deveria, como se pensava, restringir a produção e forçar os periódicos marginais a sair de circulação e, ao mesmo tempo, trazer uma receita adicional para a coroa (2004, p. 67).

O controle das autoridades sobre a proliferação dos periódicos, por meio da cobrança de impostos, somente se modificou no fim do século XIX, quando garantias legais de liberdade de expressão foram adotadas por vários governos europeus, por meio de garantia constitucional de liberdade de imprensa. Ficou assegurada a veiculação de todas as notícias, pelo menos perante a lei.

Constata-se que a imprensa, já desde o Século XV, contava com um grande poder, incomodava as autoridades da época e influenciava os rumos da expansão do conhecimento e da Educação. A imprensa conquistou credibilidade junto aos leitores, característica que se perpetua na sociedade atual. Com aparecimento de outros meios de comunicação e das novas tecnologias de comunicação e informação, todos decorrentes da invenção das impressoras, aumentou ainda mais o seu poder de persuasão na população. Portanto, a ideologia implícita nos produtos da imprensa, na época interessada em divulgar atos do governo, fenômenos, acontecimentos e imprimir livros para

ampliar o conhecimento e a Educação da população, transformou-se com o decorrer do tempo.

2 As mediações na comunicação contemporânea

Antes da invenção das impressoras, uma das responsáveis pelo surgimento da imprensa escrita, o único modo de comunicar-se era o face a face, com uma co-presença necessária, com espaço e tempo determinado. Com o advento da imprensa, surgiram dois novos tipos de comunicação: a comunicação mediada e a comunicação quase mediada, com o aparecimento dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação (THOMPSON, 2004).

A comunicação mediada é aquela realizada por meio do telefone, cartas, ou seja, com um meio técnico, intermediando a relação entre interlocutores. Também é chamada de comunicação coletiva, com destaque na significação mediadora das tecnologias na construção da realidade social (SOUSA, 1999). Na comunicação mediada há um direcionamento específico e pode haver uma resposta. Já a comunicação quase mediada, realizada por meio da imprensa, leva informação a um número indefinido de leitores e quase nunca há um retorno, a não ser por meio de um sujeito receptor que utilize alguns meios de interação, como as cartas do leitor, telefonemas e outros, disponibilizados pelos meios de comunicação (THOMPSON, 2004). A presença da tecnologia é fundamental neste contexto de comunicação quase mediada, pois surgem novas relações sociais e uma nova configuração pela qual se olha a vida e o mundo (SOUSA, 1999).

Com a comunicação quase mediada surgem os meios de comunicação. Utilizaremos somente a expressão *meios de comunicação*, apesar de muitos autores utilizarem *meios de comunicação de massa*, porque, de acordo com Thompson, comunicação de massa pode enganar, quando se acredita que massa se refere a um grande número de indivíduos passivos aos produtos da mídia.

A comunicação quase mediada ou a comunicação dos meios de comunicação é parte importante da sociedade atual. É difícil imaginar a contemporaneidade sem um aparelho de televisão ou jornais diários, ou seja, sem os meios de comunicação. A consequência da comunicação quase mediada na população é um “bombardeio” diário de informações que, muitas vezes, não gera conhecimento, ou seja, a quantidade de informação acrescenta muito pouco à educação e à sociedade.

A enorme quantidade de informações veiculadas no dia-a-dia gera um tipo de ansiedade no cidadão, que acaba acreditando que se deve saber tudo e sobre todos os assuntos. Perceber as próprias limitações é fundamental. Com o dinamismo na geração de informação da atualidade não se pode conhecer tudo. Fazer uma triagem das informações que realmente interessam é importante, caso contrário, a memória do leitor ficará repleta de informações inúteis, que não serão aproveitadas ao longo de sua existência (WURMAN, 1995).

Além disso, não se deve aceitar passivamente tudo o que é divulgado. Thompson (2004) defende um sujeito receptor da comunicação quase mediada não passivo, com possibilidade de se comunicar com o autor da notícia por meio de cartas, telefonemas ou simplesmente não comprar o jornal ou assistir ao programa televisivo, quando a informação não lhe agrada, apesar de serem poucos os cidadãos que se utilizam destes espaços participativos.

Mesmo com os recursos oferecidos aos sujeitos receptores da mídia de interatividade com os meios de comunicação, exercer um questionamento das informações da mídia não é tão simples. Lembramos que, conforme foi apresentado na introdução, os receptores são atores fundamentais do processo de comunicação e, nesta dissertação, o enfoque é dado aos receptores/professores e receptores/alunos, leitores de jornais.

Os sujeitos receptores são, pela própria natureza do processo de comunicação, parceiros desiguais no processo de intercâmbio simbólico de informações. Comparados com os indivíduos envolvidos no processo de produção e transmissão, os sujeitos receptores de mensagens mediadas pouco podem fazer para determinar os tópicos ou os conteúdos da comunicação que recebem.

Em uma época anterior ao surgimento da imprensa, essa passividade poderia até ocorrer com as interações face a face, ou mesmo uma reação adversa da população poderia ser evitada, pois havia a possibilidade de impedir encontros e confrontos entre governantes e sociedade, por exemplo. Na sociedade atual, o espectador não deve ter mais um papel de mero ouvinte e também não é mais possível para um governante, por exemplo, esconder-se ou evitar aparecer na mídia. Uma comparação sobre como eram as sociedades e suas relações com governantes antes do surgimento da mídia é realizado por Thompson. Ele explica que, antes da mídia, eram mínimos os cidadãos que conheciam as pessoas que estavam no poder.

Antes do desenvolvimento da mídia (especialmente da mídia eletrônica como o rádio e a televisão), quantas pessoas puderam alguma vez ver ou ouvir indivíduos que detinham posições de poder político? Quando a única forma de interação disponível para a maioria das pessoas era a face a face, quantas poderiam alguma vez interagir com os líderes políticos que as governavam? E como, por sua vez, poderiam os líderes políticos aparecer em público, senão diante de um relativamente pequeno número de indivíduos reunidos no mesmo local? Antes do desenvolvimento da mídia, os líderes políticos eram invisíveis para a maioria das pessoas que eles governavam, e podiam restringir suas aparições públicas a grupos relativamente fechados em assembleias ou a reuniões da corte. Mas hoje não é mais possível restringir do mesmo modo a atividade de auto-apresentação. Querendo ou não, os líderes políticos hoje devem estar preparados para adaptar suas atividades a um novo tipo de visibilidade, que funciona diversamente e em níveis completamente diferentes (2004, p. 109).

Com o novo modo de comunicação quase mediada, com os meios de comunicação, o espectador tem a possibilidade de se informar, confrontar informações e tirar conclusões próprias, de acordo com Thompson (2004). Há um arbítrio por parte dos espectadores, que podem responder negativamente àquilo com que não concordam. Sendo assim, as instituições de ensino podem ser aliadas na formação de leitores atentos aos conteúdos e informações transmitidas pela mídia, exercendo o poder de interatividade que os meios de comunicação lhes oferecem.

Um exemplo de não passividade dos receptores está relatado na coluna do ombudsman¹ do jornal Folha de S. Paulo, Marcelo Beraba, publicada no dia 07 de agosto de 2005. O país vinha enfrentando uma crise política, com o escândalo da denúncia de pagamento de um suposto “mensalão” a deputados federais, por parte do governo federal, para que suas propostas fossem aprovadas na Câmara dos Deputados em Brasília. Uma das peças-chave desse escândalo é ex-secretária de uma empresa de comunicação, no caso, uma agência de publicidade e propaganda, que prestava serviços ao partido governista. A secretária guardou uma agenda, na qual havia encontros marcados com políticos, coincidindo com grandes saques de dinheiro em um banco. O dono desta agência de publicidade e propaganda seria um tipo de financiador, aquele que fazia o pagamento aos políticos. A secretária passou a ter notoriedade nacional e ser alvo freqüente da imprensa. Houve especulações, por parte da mídia, em torno da possibilidade de ela posar nua para uma revista masculina. O jornal Folha de S. Paulo, aproveitando o tema, publicou, em sua edição de domingo, 31 de julho de 2005, uma foto de primeira página da secretária em trajes sumários. Evidentemente que foi uma estratégia de venda, mas muitos leitores perceberam a situação e reportaram-se ao ombudsman Marcelo Beraba que conta, em sua coluna dominical, que o material publicado pelo jornal foi recorde absoluto de mensagens, 72 ao todo, sendo a maioria enviada por homens e todas contrárias à publicação. Beraba afirma que reportagens polêmicas sempre geram fortes reações, mas raramente como neste caso.

Diferentemente das cobranças iradas que acompanhei em outros episódios, desta vez as mensagens foram de decepção. Como a de Doralice Araújo, professora de Curitiba: "Desconforto e decepção, foi o que senti ao ver Karina Somaggio -a oportunista do momento- na capa da Folha". Os leitores acharam o material de "mau gosto", "sensacionalista", "bizarro", "escandaloso", "vulgar", "apelativo", "fútil", "mediocre",

¹ Ombudsman é uma palavra sueca que significa representante do cidadão. Designa, nos países escandinavos, o ouvidor-geral -função pública criada para canalizar problemas e reclamações da população. Na imprensa, o termo é utilizado para designar o representante dos leitores dentro de um jornal. A função de ombudsman de imprensa foi criada nos Estados Unidos nos anos 60. Chegou ao Brasil num domingo, dia 24 de setembro de 89, quando a Folha de S. Paulo, numa decisão inédita na história do jornalismo latino-americano, passou a publicar semanalmente a coluna de seu ombudsman.

"desrespeitoso" e uma longa lista de adjetivos. A crítica maior foi pelo fato de o jornal escancarar a foto da secretária na Primeira Página. É a opinião, por exemplo, da fonoaudióloga Rosana Amá Brusco, de São Paulo: "Já achei demais a Revista dar tanto espaço a Fernanda Somaggio, mas colocá-la na capa do jornal é um exagero absurdo e sem tamanho! Não considero esse um assunto sério o suficiente, ou de interesse do público. É claro que se fosse algo ligado a CPI, teria algum sentido. Agora, fotos de sutiã, ou biquíni, sei lá, é um pouquinho demais" (2005, p. A6).

O tema da reportagem, a secretária em trajes sumários, não tem seriedade, notoriedade e interesse público bastante para tão grande destaque. Não foi tratado de modo adequado pelo jornal, como os leitores apontaram. É este leitor questionador que se deve buscar na atualidade. A mídia faz parte do cotidiano da população e há muitos aspectos da mídia que precisam ser desvendados como, neste caso específico, o interesse em vender jornais com a publicação de uma personagem que freqüentava a cena política. Foi o que alguns leitores fizeram. Questionaram o motivo pelo qual a Folha de S. Paulo publicou o material, sendo as questões mais freqüentes: "para vender jornal?", "por falta de assunto?", "por torcer contra a democracia?", "por ironia?", "para desmoralizar a secretária?".

Com o exemplo, percebemos possibilidades de não passividade dos sujeitos receptores da mídia, dos leitores. É possível formar cidadãos questionadores, sem apatia ou ingenuidade perante notícias que não os agradam. As instituições de ensino precisam se valer destes dados para que os produtos das empresas de comunicação, como jornais e revistas, tenham um direcionamento adequado ao questionamento do conteúdo, para que o número de contestações aumente e casos como o da secretária sejam abolidos do noticiário. Somente com um sujeito receptor preparado para entender as manipulações da mídia é que poderá haver uma transformação de realidade. Ou será que o papel da mídia é só noticiar, trazer novidades, fofocar? O papel da mídia é muito maior. A mídia deve esclarecer a opinião pública, trazer luz sobre fatos conflitantes, construir uma visão de mundo, auxiliar na formação da consciência cidadã. Estes são os papéis educativos da mídia, que precisam ser desenvolvidos.

Os sujeitos receptores podem e devem utilizar os recursos que estão disponíveis para que o direcionamento das reportagens seja discutido quando preciso. Apesar do recorde de mensagens recebidas pelo ombudsman do jornal Folha de S. Paulo, o número de mensagens, 72 ao todo, ainda é pequeno, perto da tiragem diária estimada em mais de 300 mil exemplares². Um reforço e aumento da atenção e atividade dos sujeitos receptores dos produtos da mídia podem ser feitos por meio de um trabalho de esclarecimento e de instigação da criticidade dos leitores dos meios de comunicação, por meio da escola. É neste sentido que os meios de comunicação da sociedade atual deveriam ser utilizados pela Educação.

3 Os papéis da mídia na sociedade contemporânea

Para entender as relações entre a Educação e a Comunicação e para que a utilização dos produtos da mídia seja apropriada na escola, antes é preciso conhecer um pouco sobre os papéis dos meios de comunicação ou da mídia na atualidade. Uma definição muito utilizada de mídia é a de McQuail (1983), apresentada no livro de Mauro Wolf, *Teorias da Comunicação*, que afirma que são:

Instituições que exercem uma atividade chave que consiste na produção, reprodução e distribuição de conhecimentos, conhecimentos que podem dar um sentido ao mundo, moldam a nossa percepção e contribuem para o conhecimento do passado e também contribuem para dar continuidade a nossa compreensão do presente (MACQUAIL, 1983, p. 51, apud WOLF, 2001, p. 13).

É inegável o valor do conteúdo divulgado pela mídia, que pode ser muito bem aproveitado pela Educação, com o uso da mídia como recurso didático-pedagógico em sala de aula. Mas afirmar que os meios de comunicação geram conhecimento pode ser perigoso, pois conhecimento é

² Dado obtido no site da Associação Nacional de Jornais ANJ, disponível em <<http://www.anj.org.br>>. Acesso em 18 de abr. 2005.

diferente de informação. Ao somente ler ou assistir a um jornal, o receptor da mensagem poderá ficar mais informado. Também o fato de produzir conhecimento pode ser questionado, já que há uma ideologia implícita nos meios de comunicação, difundida nas informações publicadas. Não que a mídia não possa gerar conhecimento, é que, na atualidade, muitas empresas atendem à lógica do capitalismo e mais transmitem informações e mensagens que convêm aos seus interesses corporativistas. Há uma ideologia implícita nos meios de comunicação, que nem sempre é desvendada pelos leitores.

Há ainda outro papel da mídia, o de mediação entre a realidade e as pessoas. A informação divulgada não é a realidade, mas a construção da realidade (BORDENAVE, 2005). A notícia é codificada por um jornalista, por exemplo, em forma de texto, com ideologias e direcionamentos adequados ao meio de comunicação e aos princípios e valores do jornalista que a escreveu. Também o leitor, ou sujeito receptor da notícia, terá uma leitura de acordo com a sua visão de mundo. É a ilusão referencial.

Mais um dos papéis da mídia é a missão de agendar o assunto do dia. É o *agenda setting* ou a hipótese do *agenda setting* em comunicação. Os meios de comunicação escolhem o que será divulgado. Da enorme quantidade de fatos que ocorrem no cotidiano, as empresas de comunicação escolhem somente alguns. Apesar de haver uma semelhança entre as publicações, todas atendem a uma determinada lógica de venda e de interesses ideológicos. Por meio do *agenda setting*, as empresas de comunicação pautam as conversas e os debates do dia-a-dia e, na escola, esses assuntos também são discutidos. Há um direcionamento do sujeito receptor para que ele fique sintonizado com aquilo que a mídia julga interessante noticiar.

De acordo com Citelli, a hipótese do *agenda setting*:

É um conjunto de assuntos que lemos ou sobre os quais somos informados que circulam graças a uma agenda previamente formulada por editores, programadores e demais responsáveis pelas pautas que funcionarão como indicadores fundamentais para orientar nossas avaliações e modos de ver e entender os acontecimentos (2004, p. 45).

Uma das conseqüências dos papéis da mídia – produção e transmissão de conhecimento, a ilusão referencial e o *agenda setting* – é a obtenção da credibilidade dos meios de comunicação junto aos sujeitos receptores. Esses papéis são eficientes para manter seus clientes como sujeitos receptores fiéis. O jornal impresso conta com uma grande credibilidade, ou seja, o conteúdo divulgado é confiável para grande parte dos leitores, conforme aponta o ombudsman do jornal Folha de S.Paulo, na coluna de 5 de junho de 2005.

Beraba apresenta uma pesquisa nacional recente realizada pelo Ibope e mostra que a confiança que a população tem nos diários subiu de 65% para 74% em um período de oito meses. A pesquisa foi realizada entre setembro de 2004 e maio de 2005. O próprio ombudsman aponta, porém, alguns aspectos obscuros dos meios de comunicação, como informações sobre os seus negócios e interesses.

Transparência na linha editorial e na exposição pública dos negócios dos grupos. E transparência, principalmente, na disposição de corrigir os erros. Os jornais brasileiros avançaram pouco nesses aspectos: raramente informam sobre seus negócios e interesses econômicos e têm muita dificuldade em reconhecer erros e em corrigi-los (2005, p. A6).

Se realmente há um aumento da credibilidade ou, em outra hipótese, um aumento do interesse dos leitores devido a um fato ocorrido, em ambos os casos pode-se supor que há uma interpretação ingênua da mídia pelos leitores. Os meios de comunicação têm interesses econômicos, ideológicos e políticos, pouco difundidos em seus editoriais. Essa ideologia, implícita nas reportagens, pode não ser a mesma do leitor e é preciso desvendá-la. O poder da mídia é muito grande, não há como negá-la e pode ser encarada como uma aliada para se reverter essa interpretação ingênua dos fatos, se todos os papéis dos meios de comunicação fossem desvendados, por exemplo, na escola, ajudando assim na formação de sujeitos receptores mais críticos, autônomos e menos passivos.

CAPÍTULO 2

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

São muitas as informações provenientes da mídia. Informação é passageira, fácil de ser esquecida, superficial. Já o conhecimento é fruto de questionamentos, de pensamento crítico, de uma pesquisa mais aprofundada, ou seja, de uma visão mais abrangente sobre o que foi dito. O conhecimento é resultado do ir além da superfície, da informação. É neste sentido que o jornal se torna um rico instrumento didático-pedagógico, pois, quando é trabalhado como instrumento de crítica da sociedade e com uma visão abrangente sobre a mídia, há a possibilidade de transformar informação em fonte de um conhecimento mais aprofundado, como será explanado neste capítulo.

1 Informação x Conhecimento na Educação

Os cidadãos envolvidos pelos mais variados meios de comunicação na sociedade atual lidam diariamente com uma grande quantidade de informações. A maioria dessas informações é recebida e lida pelo cidadão de maneira superficial, em curto período de tempo, não dando condições de um aprofundamento de sua essência ou da descoberta das razões que levaram à produção das mesmas. A velocidade de substituição no número de informações

é tão acelerada que um cidadão que queira selecionar as mais importantes para construir um conhecimento sistematizado deverá despender um tempo precioso nisso. Além do tempo dedicado, o cidadão há de ter também capacidade de discernimento crítico, pois a maioria das informações em circulação é inútil, não contribuindo em nada para a consolidação de conhecimento significativo. Portanto, é fundamental que os sujeitos receptores saibam diferenciar informação de conhecimento. Ter informação não significa necessariamente ter conhecimento. O conhecimento demanda tempo, investigação, pesquisa.

Nesta dissertação, será adotado o termo conhecimento, na perspectiva tratada por Pedro Demo (1997) no livro *Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*. Para o autor, o questionamento sempre foi a principal alavanca do conhecimento moderno e da sua marca inovadora. Na visão contemporânea, no conhecimento, não há mais certezas, teorias definitivas ou o “porto-seguro”, como defendiam os positivistas. Verdades são desfeitas e certezas desmontadas, alavancando os processos de questionamento e inovação. Em ciência, os resultados são provisórios e os questionamentos permanentes. Com o grande número de informações acessíveis hoje em dia, o conhecimento precisa se refazer rapidamente, mas, por outro lado, um direcionamento adequado a este conhecimento precisa ser considerado.

Nas instituições de ensino, ao usar o jornal em sala de aula, o questionamento que leva ao conhecimento que realmente interessa pode fazer parte do dia-a-dia dos alunos, com o objetivo de reverter o uso do conhecimento para a melhoria da sociedade. Não se pode aceitar que a Educação utilize a Comunicação, no caso desta dissertação, os jornais em sala de aula, sem questionamentos, que geram a criticidade e levam ao conhecimento. Não se pode aceitar que os meios de comunicação imponham as suas ideologias e a sua visão de mundo para a Educação. O aluno deverá ser consciente das manipulações da mídia, para construir o conhecimento a partir das informações fornecidas pelos meios de comunicação, identificando os meios que são sérios, aqueles com os quais há uma empatia e desprezando aquilo que considera inútil ao seu crescimento como cidadão, aluno consciente e sintonizado com a atualidade.

Outra visão relevante de conhecimento é de José Manuel Moran, no livro *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Ele afirma que a informação é o primeiro passo para a construção do conhecimento. Esta afirmação é importante e esclarecedora, já que o jornal é uma grande fonte de informação.

Conhecer é relacionar, integrar, contextualizar, fazer nosso o que vem de fora. Conhecer é saber, é desvendar, é ir além da superfície, do previsível, da exterioridade. Conhecer é aprofundar os níveis de descoberta, é penetrar mais fundo nas coisas, na realidade, no nosso interior. Conhecer é conseguir chegar ao nível da sabedoria, da integração total, da percepção da grande síntese, que se consegue ao comunicar-se com uma nova visão de mundo, das pessoas e com o mergulho profundo no nosso eu. O conhecimento se dá no processo rico de integração externo e interno. Pela comunicação aberta e confiante desenvolvemos contínuos e inesgotáveis processos de aprofundamento dos níveis de conhecimento pessoal, comunitário e social (2004, p. 25).

Aplicando o conceito de conhecimento de Moran (2004) à leitura dos meios de comunicação, mais especificamente do jornal, acredita-se que mesmo uma leitura superficial ou somente daquilo que interessa ao sujeito receptor pode ser proveitoso ao leitor. O jornal pode ser muito mais que informação, como também o são a Internet e os vídeos, ou seja, as novas tecnologias da informação e da comunicação, desde que haja um questionamento sobre o que foi publicado. Não é somente o jornal que pode se constituir de veículo de informação em instrumento de consolidação de conhecimento. Também a Internet, os vídeos, o cinema, quando trabalhados visando gerar e instigar o conhecimento. Nesta dissertação, iremos nos concentrar nas possibilidades didático-pedagógicas do veículo jornal como meio de comunicação, como foi apontado na introdução, de modo a avaliar programas de uso de jornal em sala de aula, elaborados por empresas de comunicação e que são voltados ao professor, ocupando uma lacuna deixada pela maioria dos cursos de licenciatura.

Essa lacuna é o resultado de, hoje em dia, na maioria das vezes, o professor manter uma ação docente assentada em pressupostos do paradigma influenciado pelo pensamento newtoniano-cartesiano, ou seja, em um

paradigma conservador. É preciso encontrar caminhos alternativos para que o professor possa ultrapassar essa abordagem na sua prática docente (BEHRENS, 2005).

Nestes caminhos alternativos pode-se incluir o uso do jornal em sala de aula mas não se pode simplesmente adotar o jornal, pois, de acordo com Ijuim (2002), o jornal também segue as determinações do paradigma acima citado.

O questionamento sobre o 'fazer jornalístico' ganha sentido à medida que observamos em seu dia-a-dia alguns sinais de raízes profundas dos paradigmas fundados na certeza. A ciência acredita acumular verdades controladas que se transformam nas extensões técnicas e nas tecnologias. Seu rigor racionalizante – e racionalizador – acaba por definir certos códigos sócio culturais que, inconscientemente, determinam posturas, maneiras de pensar e agir. O pragmatismo das sociedades modernas mostra agilidade e disciplina na atuação do comunicador, através de regras do 'como fazer' (e como pensar). Ao adotar a racionalidade da ciência para esse fazer, a imprensa assume também uma visão de mundo que crê na concordância perfeita entre o racional e a realidade. Por isso, valorizando a experiência, o empírico, do inteligível ao previsível e mensurável institui a crença de que a imprensa deva produzir verdades (2002, p. 31 e 32).

Nos parágrafos seguintes, não será citado somente o jornal, pois o texto de Ijuim apontado anteriormente e a prática de questionamento que leva ao conhecimento não precisam ser restritos a este meio de comunicação; pelo contrário, podem ser aplicados também às novas tecnologias da informação e da comunicação e a outros meios de comunicação em sala de aula. A utilização de meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula atende uma necessidade da atualidade e pode fazer parte, no futuro, das instituições de ensino.

Há muita informação na sociedade atual, proveniente dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação, ocasionando dificuldade para integrá-las, selecioná-las e verificar qual delas realmente interessa ao cidadão. O papel das instituições de ensino, para que

esta realidade se modifique, é fundamental. Uma adequada utilização dos jornais e também de outros meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação, repletas de informação, deve visar ao questionamento, a escolha das informações que realmente interessam e, a partir delas, buscar o conhecimento. Não se pode ficar alheio às influências dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação na Educação. Pelo contrário, o interessante seria a Educação se aliar a eles, pois os jovens estão conectados com tudo o que ocorre no mundo, mas não por meio da escola. As novas tecnologias da informação e da comunicação, como a Internet, e os meios de comunicação são interessantes, prendem a atenção do aluno e devem se tornar aliadas do professor, mas desde que ele receba um preparo adequado para a sua utilização. Moran afirma:

As crianças e os jovens estão totalmente sintonizados com a multimídia e quando lidam com texto, fazem-no mais facilmente com o texto conectado através de links, de palavras-chave, o hipertexto. Por isso o livro se torna uma opção inicial menos atraente, está competindo com outras mais próximas da sensibilidade deles, das suas formas mais imediatas de compreensão (2004, p. 21).

As instituições educacionais não podem negar a influência das novas tecnologias da informação e da comunicação e dos meios de comunicação na sociedade atual. O problema surge quando as novas tecnologias da informação e da comunicação e os meios de comunicação em sala de aula são encarados apenas como novidades, o que não caracteriza inovação. Além disso, não podem se tornar as “estrelas” principais da aula, pois são instrumentos a serem trabalhados, com uma determinada informação com conteúdo relevante, que pode se transformar em conhecimento.

Buscar uma inovação nas instituições de ensino se faz necessário para atender à dinâmica da sociedade atual. Inovação em educação não é simplesmente levar às salas de aula meios de comunicação e novas tecnologias da informação e da comunicação, como um computador ou um *data show*, ou recortar reportagens de jornais e utilizá-las somente como ilustração ao conteúdo que é abordado de acordo com o currículo das disciplinas.

A inovação é muito mais do que isso. A utilização ilustrativa, subsidiária das novas tecnologias e da mídia em sala de aula não caracteriza, em nenhum momento, inovação, mas sim novidade. Seria o inovar por inovar, apontado por Demo (1997). Atitudes como a descrita acima levam a crer que o jornal, por exemplo, utilizado como ilustração ao conteúdo, não passa de uma novidade passageira, pois logo virá algo novo para o “consumo” em sala de aula. A utilização de recursos como o jornal, sem questionamentos, não auxilia em nada a formação do aluno emancipado, questionador. Portanto, ao utilizar estes recursos, o professor precisa proporcionar uma inovação em sala de aula. As novas tecnologias da informação e da comunicação e os meios de comunicação em sala de aula quando facilitam a aprendizagem, a construção do conhecimento crítico, são vistos como inovação, têm importância e justificam-se pedagogicamente, pois auxiliam na concretização dos objetivos de aprendizagem (MASETTO, 2004).

Demo (1997) aponta características do conhecimento inovador que se contrapõem às do conhecimento fossilizado, conservador, produzido nas Instituições de Ensino Superior, que preparam os docentes nas licenciaturas, como verdades permanentes. O conhecimento inovador se caracteriza:

- a) pela questionabilidade, ou seja, é questionador e deve questionar. O questionamento é a principal “marca inovadora” do conhecimento;
- b) pela desconstrutibilidade, porque é metodologicamente desconstrutivo. O questionamento é desconstrutivo porque só se questiona o que é imperfeito, aquilo que contém erros, provocando assim uma necessidade constante de mudança e, conseqüentemente, de inovações;
- c) pela provisoriedade. Admite-se provisório e não definitivo, já que os questionamentos são constantes alavancas do conhecimento. Nunca se chega a um fim, pois todo conhecimento é questionável. Os resultados são provisórios e os questionamentos permanentes;
- d) pela dialética, pois é hábil em confrontar-se com incertezas;

- e) por ser não dogmático, pois sabe desmontar as certezas. Não há mais uma teoria oficial, pois todo processo reconstrutivo passa por críticas;
- f) por ser auto-reconstrutivo. A vida acadêmica tem que ser norteada por um professor voltado para a reconstrução do conhecimento e para uma inovação coletiva e inovadora.

Cunha (2002) afirma ainda que inovações que procuram explorar novas alternativas que, muitas vezes, se constroem na contramão das forças dominantes – no caso da sociedade contemporânea, capitalista – podem ser importantes marcos para a construção de novas possibilidades.

Também Zygmunt Bauman (2001), em sua obra *A Modernidade Líquida*, explica historicamente o avanço tecnológico e das inovações como sendo a “*fluidez*” da contemporaneidade. Hoje, o avanço tecnológico e as inovações acontecem em um ritmo tão acelerado que tudo se desfaz muito rapidamente. A preocupação com valores e princípios, caracterizados pelo autor como *sólidos*, ficou em um segundo plano. A necessidade de manutenção do sistema econômico faz da alienação um instrumento do capitalismo. De acordo com o autor, no passado, houve a necessidade de substituir relações *sólidas*, estagnadas e resistentes, deficientes e defeituosas, por outro conjunto de *sólidos*, ou seja, de valores e princípios aperfeiçoados. Era preciso derreter para se construir novos *sólidos*, mais engajados com a realidade da época. Mas, segundo Bauman, a “solta do freio” para que os *sólidos* se derretessem e surgissem novos deixou a complexa rede de relações no ar e abriu espaço para a invasão e dominação do papel determinante da economia, sendo ela, hoje em dia, a base das relações sociais. A ordem econômica passou a ser a norteadora de todo esse processo de *fluidez*.

Retomar princípios e valores *sólidos*, proporcionar inovações que realmente interessam à sociedade e promover o conhecimento voltado para o ser humano são atitudes que se fazem necessárias. Para isso, a educação precisa deixar de ser estagnada e aceitar as influências da sociedade atual, sem se deixar levar por ela.

Percebe-se assim que a inovação na educação não é fácil de ser conquistada. A inovação não está restrita ao uso dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação, mas também à maneira como o professor fará o direcionamento, a apropriação destes recursos, para criar situações que superem a reprodução do conhecimento e levem à produção do conhecimento, a um processo de aprendizagem (BEHRENS, 2005).

Nesse processo de aprendizagem, o aluno deverá assumir o papel de aprendiz ativo e participante, não mais de passivo e receptor. Será sujeito de ações que levam ao conhecimento. O aluno terá que mudar de comportamento e de mentalidade, para trabalhar individual e coletivamente, auxiliando o grupo. O professor não será mais o detentor do conhecimento, mas um orientador, um mediador do processo de aprendizagem (MASETTO, 2004).

Nesta dissertação, durante a avaliação do material dos programas de uso do jornal em sala de aula, exploraremos uma característica apontada por Cunha (2002), a criticidade, e por Demo (1997), a questionabilidade, que também pode ser entendida como criticidade, pois só há crítica quando há questionamentos. A criticidade ou o questionamento pode ser aplicado em sala de aula, quando um professor utiliza o jornal, desde que o professor esteja preparado e entenda a dinâmica da sociedade atual e as manipulações da mídia, inserida em um mercado capitalista. Os produtos capitalistas são uma estratégia de exploração do consumidor, muito mais do que de satisfação das necessidades materiais da sociedade. A mercadoria é sem conteúdo. Portanto, procurar elaborar conhecimentos que não atendam aos interesses capitalistas pode ser notável.

É esta a inovação que se espera para a Educação. Um dos caminhos para se chegar a este processo de aprendizagem pode ser a utilização do jornal em sala de aula, como fonte de informação que pode gerar conhecimento, contanto que receba o direcionamento crítico adequado. Sendo assim, torna-se relevante a avaliação de programas voltados para o uso de jornal em sala de aula, elaborados por empresas de comunicação.

Por sua vez, de modo a reverter o avanço do conhecimento para inovações ou *sólidos* que realmente beneficiem a sociedade atual - ao invés de investir no conhecimento nas novidades ou *fluidos* - caberia à Universidade ter novamente o domínio do conhecimento para reformulá-lo, conscientizando alunos sobre essa situação e formando docentes, nos cursos de licenciatura, preparados para realizar a crítica do inovar por inovar e transmiti-la para os seus futuros discentes.

Com influência dos avanços dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação e a mudança do paradigma da ciência não se pode mais pensar em um ensino nas Universidades caracterizado pela prática pedagógica repetitiva e acrítica (BEHRENS, 2005). A transmissão, a mera reprodução do conhecimento, deve ser superada por processos de aprendizagem, que levem à construção de conhecimento.

A marca do conhecimento da contemporaneidade, inovação voltada para o mercado, tende a afastar o conhecimento da Universidade, ficando esta com o conhecimento ultrapassado, ou seja, a reprodução do conhecimento. A Universidade não pode propor-se inovadora, se não se colocar na pauta das inovações. “*Seria como os pajés que não tomam os remédios que prescrevem por não acreditarem nas benzeduras que fazem para os outros*” (DEMO, 1997, p. 27).

A Universidade precisa encontrar um meio termo. Não faz sentido unir-se ao conhecimento inovador e voraz e muito menos continuar como entidade transmissora do conhecimento e reprodutora da política econômica atual. Para recapturar o conhecimento, a Universidade precisa entrar em sua lógica e coerência para poder produzir um processo de desconstrução do sistema, do qual ela faz parte e no qual se encontra estagnada, avançando para um novo tempo, em sintonia com a sociedade contemporânea, mas sem deixar de lado os seus princípios e valores fundamentais, ou seja, os seus *sólidos*.

No alerta de Demo, a Universidade “*não pode adotar a voracidade do conhecimento inovador, mas também não pode continuar com a lerdeza de uma entidade secular*” (1997, p. 28).

2 Como a mídia interfere na educação

A sociedade atual está mudando nas suas formas de organizar-se, de produzir bens, de comercializá-los, de divertir-se, de ensinar e de aprender. As instituições de ensino, do nível fundamental ao superior, não parecem acompanhar com competência essas mudanças. Como afirma Moran:

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas por onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada? (2004, p. 11).

Os meios de comunicação proporcionam uma enorme quantidade de informação ao cidadão, o que gera um novo tipo de comportamento, inclusive dos alunos, acostumados, devido às novas tecnologias da informação e da comunicação e a própria mídia, a obter respostas rápidas, muitas vezes simplistas, sem que haja uma reflexão sobre se há ou não concordância com o que foi dito. Além disso, há uma inquietação na sala de aula. Portanto, motivar o aluno é fundamental. *“Alunos curiosos e motivados facilitam o processo de aprendizagem, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador”* (MORAN, 2004, p. 17).

Moran acrescenta ainda que:

Quanto mais mergulhamos na sociedade da informação, mais rápidas são as demandas por respostas instantâneas. As pessoas, principalmente as crianças e os jovens, não apreciam a demora, querem resultados imediatos. Adoram as pesquisas síncronas, que acontecem em tempo real e que oferecem respostas quase que instantâneas. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, vêm nos acostumando a receber tudo mastigado, em curtas sínteses e com respostas fáceis. O acesso às redes eletrônicas também estimula a busca *on-line* da informação desejada. É uma situação nova no aprendizado. Todavia, a avidez por respostas rápidas, muitas vezes, leva-nos

a conclusões previsíveis, a não aprofundar a significação dos resultados obtidos, a acumular mais quantidade do que qualidade de informação, que não chega a transformar-se em conhecimento efetivo (2004, p. 20-21).

A utilização do jornal em sala de aula pode ser um meio enriquecedor, com aprofundamento de debates, temas, questionamentos sobre o que foi divulgado e confronto de diferentes pontos de vista. Também pode vir ao encontro das exigências da contemporaneidade. O jornal precisa ser trabalhado com sensatez, com os docentes desvendando os papéis da mídia em conjunto com os seus alunos, transformando informação em conhecimento, alunos passivos em ativos.

Os responsáveis pelos sistemas educacionais não podem nem devem ficar à margem de um fenômeno tão problemático e comprometedor. É urgente a necessidade de revisar a educação à luz das novas exigências que nos oferecem os meios de comunicação social (GUTIERREZ, 1978, p.14).

É preciso reconhecer o valor da mídia e tomar consciência de que o mundo está sofrendo uma grande transformação; acreditar no valor da educação que leva à reflexão, conduzindo o novo pensar em pensar melhor, articulando teorias e práticas. Crer que pode levar os educandos a serem pensadores autônomos, que pensem por si mesmos, que sejam gestores e não só repetidores do que outras pessoas dizem ou pensam, que possam usar a criticidade nas tomadas de decisões, na problemática da vida real.

Mais uma vez será ampliada a visão sobre a utilização do jornal em sala de aula para os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação e da comunicação. A nova realidade é um desafio para os professores. Então, a educação precisa inovar, mas não inovar por inovar. Buscar a inovação que realmente alicerce o conhecimento, levando em conta a sociedade atual, com necessidade de respostas imediatas aos alunos, acostumados com um dinamismo que não ocorre na maioria das salas de aula.

A inovação, contudo, não acontecerá rapidamente, já que as instituições de ensino não acompanham a dinâmica da atualidade. Ainda há, em muitas escolas, a influência de um modelo de educação tradicional, de transmissão do conhecimento e que não condiz com a contemporaneidade, envolta de meios de comunicação. Há uma dicotomia. A escola é vista como o espaço do saber e os meios de comunicação como o espaço da diversão, do lazer. É como se ora a pessoa fosse o aluno e ora fosse o sujeito receptor da mídia, quando se trata, na verdade, da mesma pessoa (SOUSA, 1999).

Unir essas duas áreas se faz necessário, embora o processo seja lento, pois envolverá etapas desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social. São poucos os modelos vivos de aprendizagem integradora, que unem teoria e prática, que aproximam o pensar do viver, que se espera da educação da contemporaneidade, com uma ruptura do paradigma conservador. O uso didático-pedagógico do jornal é um exemplo de aprendizagem integradora, que aproxima o pensar do viver, o conhecimento da realidade, com o dinamismo exigido pela sociedade atual. *“Ao apreender a linguagem jornalística e o seu funcionamento, [o aluno] reorganiza seus conhecimentos e incorpora esse universo, assimilando assim novos objetos e reajustando-se a cada variação exterior, interagindo com o discurso do ‘outro’”*. (IJUIM, 2002, p. 16). Há uma empatia do jornal com o leitor, no caso com os alunos, pois, principalmente quando se trata de jornais locais, o aluno pode muitas vezes se identificar com a realidade descrita. É a integração que aproxima a escola da realidade, do cotidiano, do estudante.

A inclusão de meios de comunicação e das novas tecnologias em sala de aula é uma realidade distante de muitas escolas públicas de ensino médio e fundamental. Salas de aula com computadores existem, mas, de acordo com pesquisa realizada em instituições de ensino da rede pública de Campinas (ANTUNES, 2001), não podem ser utilizadas com frequência e muitas das salas de informática não estão em funcionamento. Os motivos alegados são principalmente falta de preparo dos professores e falta de um projeto pedagógico para seu uso. No caso do jornal, um recurso barato e acessível, a utilização é mais comum, pois empresas oferecem exemplares às escolas. O

preparo de professores para a utilização de reportagens em sala de aula é realizado após treinamento oferecido pela própria empresa de comunicação. Isso é questionável, pois os cursos de licenciatura deveriam preparar os professores para o uso da mídia na sociedade atual. Os jornais parecem aproveitar uma lacuna deixada pela Educação e acabam impondo a utilização do modo que lhes interessam, por meio de programas voltados para este fim e com o direcionamento que lhes convém.

Uma mudança, um efeito ou processo concomitante à inovação na Educação, com a superação do paradigma conservador e com a formação de professores aptos para o trabalho com os meios de comunicação e as novas tecnologias em sala de aula, demandará tempo, empenho e dedicação, principalmente por parte dos alunos e dos professores. Para que haja criticidade com o uso do jornal em sala de aula, o aluno precisará deixar o papel de sujeito passivo, de reprodutor do conhecimento transmitido pelo professor. Precisa parar de escutar e decorar e tomar a postura de crítica, pesquisadora e atuante (MASETTO, 2004).

O docente inovador precisa ser criativo, articulador e, principalmente, parceiro de seus alunos no processo de aprendizagem. O foco precisa mudar do ensinar para o aprender (MASETTO, 2004). Os docentes precisam ser maduros intelectual e socialmente, para serem pessoas motivadas e motivadoras e saberem dialogar (MORAN, 2004).

Somente com uma inovação, tanto técnica – que pode ser a implantação de um recurso das novas tecnologias –, ou processual - com a implantação de uma nova situação de aprendizagem co-participadora e integradora do conhecimento com a realidade –, será atingida a almejada mudança.

Sendo assim, acredita-se que um início para o uso dessas novas tecnologias da informação e da comunicação e dos meios de comunicação, com o questionamento que leva à criticidade, pode ocorrer com o uso jornal em sala de aula. O uso do jornal em sala de aula pode ser visto como uma introdução a outros meios de comunicação e às novas tecnologias da comunicação e da informação em sala de aula, pois há muitas características

em comum com eles, como o imediatismo e a grande variedade e quantidade de informação.

3 Uso do jornal em sala de aula: justificativas

Maria Alice Faria, em *Como usar o jornal na sala de aula*, aponta que o jornal pode ajudar o aluno a conhecer as diferenças na sociedade atual. *O jornal leva o aluno a conhecer posicionamentos ideológicos frente a um fato, a tomar posições fundamentadas e a aprender a respeitar os diferentes pontos de vista, necessários ao pluralismo numa sociedade democrática* (2001, p.11).

O jornal possui um potencial a ser explorado, com temas atuais, históricos e científicos, dentre muitos outros, que podem ser fontes de inspiração para uma pesquisa mais aprofundada, objetivo de uma educação inovadora e que realmente proporcione ao aluno a sua emancipação. Portanto, para se atingir esse potencial é necessária a abordagem crítica das reportagens.

Na perspectiva de domínio consciente da mídia, Cunha alerta que:

A força do modelo neoliberal é inegável e suas estratégias têm sido competentes para manter uma pseudo-hegemonia no país. O controle da mídia tem sido um importante aliado nesse processo, dificultando as contraposições (2002, p. 129).

Portanto, utilizar jornal na Educação, sem um questionamento e somente como meio de reforçar as estratégias neoliberais, por ingenuidade ou comodidade, precisa deixar de fazer parte do cotidiano das salas de aula. A inovação não pode ser ingênua na interpretação da realidade. Tem de ser resultado da tensão que o questionamento proporciona, ou seja, tem que haver criticidade no uso do jornal em sala de aula.

Existe a tendência da utilização do jornal em sala de aula sem critérios ou a simples utilização como novidade, sem a característica da criticidade, que propõe esta dissertação. O referido simples uso, nesta última concepção, não

traz benefícios ao aluno, pelo contrário, contribui para a continuidade da passividade de grande parte dos sujeitos receptores da mídia.

Por que, então, trazer justamente o jornal para a sala de aula, já que são tantos os problemas envolvendo a mídia, sem falar nos da Educação, que também são muitos? Faria (2001) responde, afirmando que um dos principais papéis do professor seria, pois, o de estabelecer laços entre a escola e a sociedade. Levar jornais/revistas para a sala de aula é uma das alternativas para que fatos do mundo sejam debatidos dentro da escola, mesmo reconhecendo-se o recorte ideológico do enfoque jornalístico.

Segundo Faria (2001, p. 11-12), o jornal pode ser encarado como:

- a) Fonte primária de informação, pois, com um aprofundamento e busca de novas informações, um conhecimento inovador pode ser gerado a partir do jornal.
- b) Formador do cidadão, auxiliando a desvendar o que ocorre no dia-a-dia, revelando situações que ajudam a formação integral, com informações sobre os direitos e deveres dos cidadãos.
- c) Auxiliar na formação geral do estudante, como um apoio ao conteúdo, que pode estar mais atualizado do que no livro didático.
- d) Um exercício de padrão de idioma, já que é utilizada uma linguagem coloquial, que pode ser bem aproveitada no cotidiano.
- e) Texto autêntico, lê-se diretamente do escritor, sem haver outra pessoa traduzindo ou comentando o que foi publicado.
- f) Registro da história, pois os acontecimentos ficam perpetuados com a publicação no jornal.

A informação, obtida por meio do jornal, é uma etapa inicial para que sejam feitas análises mais relevantes. Como formador do cidadão, o jornal pode auxiliar no confrontamento de reportagens que levem a um cidadão emancipado e conhecedor dos acontecimentos do dia-a-dia. É fundamental para auxiliar na formação geral do estudante, pois não se pode mais deixar de lado as novas tecnologias da informação e da comunicação e dos meios de

comunicação na Educação. Padrão de idioma, pois a linguagem é parecida com a do cotidiano, mas com textos coerentes e que abrangem muitas fontes de informação, e, por fim, registro da história, já que os jornais divulgam os principais fatos, com repercussão nas análises de especialistas e nas opiniões da população. Portanto, o jornal tem um grande potencial educativo.

É fundamental salientar que a leitura é essencial na formação de professores e alunos, principalmente a leitura crítica. Além de proporcionar prazer, entretenimento e cultura, o ato de ler melhora a escrita, ou seja, quanto mais o estudante lê, melhor escreve e a leitura é importante para se obter êxito com o trabalho de reportagens de jornais em sala de aula.

Apesar de todas as qualidades elencadas, não se verifica um aumento significativo da leitura de jornais. A Folha de S. Paulo, jornal diário de maior circulação nacional, por meio de seu ombudsman, revela uma estatística preocupante:

Em 1995, a Folha chegou a vender uma média diária de 606 mil exemplares. Terminou o ano passado com uma média de 308 mil. Como em 2003 tivera uma média de 315 mil exemplares diários, a queda em um ano foi de 2,3%. Os desempenhos do "Estado" e do "Globo" não são muito diferentes. O jornal do Rio, que naquele mesmo longínquo 1995 chegou a vender 412 mil exemplares por dia, encerrou 2004 com uma média de 257 mil. Em relação a 2003 teve um crescimento pífio de 4.000 exemplares por dia, e foi o único. O "Estado", que no seu auge alcançou 385 mil exemplares, terminou 2004 com 233 mil, 10 mil a menos do que no ano anterior. Se tomamos por base o ano 2000, os três jornais perderam juntos 31%. Quando suas vendas aos domingos, estimuladas artificialmente por brindes e enciclopédias, passaram da casa de 1 milhão de exemplares, a Folha chegou a se comparar aos maiores jornais do Ocidente em circulação. Na última lista da WAN (World Association of Newspapers), de 2003, não há nenhum jornal brasileiro entre os cem maiores do mundo. Nenhum. O centésimo da lista, "The Arizona Republic", dos Estados Unidos, tem uma média diária de 597 mil exemplares (2005, A6).

O hábito de ler deve ser cultivado desde a infância. É possível pensar que livros são caros e demandam tempo. Realmente essa é uma realidade, mas há muitas bibliotecas. A outra opção de leitura é o jornal, meio muito mais

acessível. O jornal não irá substituir os livros, mas é uma alternativa de leitura produtiva e que trará resultados positivos, tanto na ampliação do conhecimento quanto na melhora da escrita.

Uma das formas alternativas possíveis para reverter o quadro de queda de leitura, o exemplo do hábito de ler, principalmente jornais, pode partir dos professores que, com o uso do jornal em sala de aula, vislumbrarão a possibilidade de proporcionar o tão importante hábito de leitura aos seus alunos. Com o passar do tempo, ler poderá se tornar algo corriqueiro, criando nos alunos a necessidade da leitura e, ao longo de seu aprendizado, poder-se-á ter mais leitores críticos.

Ismar de Oliveira Soares, em *Para uma leitura crítica dos jornais*, afirma que fazer a análise ou leitura crítica dos produtos dos meios de comunicação não deve ser encarada como uma rejeição pura e simples desses instrumentos de inter-relação humana. “*É justamente porque acreditamos ser importante para a sociedade a ampliação dos espaços para o trabalho dos veículos sérios e responsáveis que julgamos prudente conhecê-lo melhor*” (1984, p.9).

Paulo Freire já afirmava, quando escreveu *A Importância do Ato de Ler*, em 1981, que “*é preciso ter compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo*” (1981, p.11). Dentro desta perspectiva, Freire queria que o professor fizesse leitura crítica.

O ato de ler deve implicar sempre a percepção crítica, interpretação e re-escrita do lido. É preciso pensamento crítico e curioso de pesquisador sobre o assunto, gerando dúvidas, analisando o contexto (qual a época, ideologias políticas, culturais ou sociais que influenciaram o autor) e assim por diante. Faria acrescenta, assinalando a importância do uso didático do jornal em sala de aula:

...o sentido da notícia não é dado pronto ao leitor. Ele deverá aprender a caminhar no jornal, a interpretar o que lê, ouve ou vê na televisão, para se transformar num leitor crítico e inteligente. É neste ponto que o papel do jornal na escola adquire grande importância (2001, p. 16).

Quando o aluno realiza uma leitura crítica de uma reportagem, instiga-se o questionamento sobre o conteúdo divulgado e sobre os interesses do meio de comunicação que veiculou a reportagem. Este questionamento pode ser um excelente motivador para uma pesquisa e isso pode ocorrer em todos os níveis educacionais. Essa posição crítica, por muitas vezes, não ocorre no dia-a-dia das salas de aula. Para mudar, Freire (1981) afirma que é preciso uma revolução na educação, mudança que exige uma postura intelectual que não se adquire, a não ser pela prática. O professor precisa assumir um papel de re-inventor, de re-criador daquilo que está sendo estudado e não de simples retransmissor de um conteúdo. Soares aponta uma alternativa para esta leitura crítica do jornal que pode ser de bastante valia para os interessados em adquirir uma visão ampla sobre a mídia e seus interesses, que é conhecer a linha editorial do jornal.

As “fundamentações” de várias naturezas formam a coluna vertebral do periódico, dando alma à sua linha editorial. Se conseguirmos descobri-las, temos em mãos o principal instrumento para fazer uma permanente leitura crítica das mensagens do jornal ou revista (1981, p. 15).

A leitura dos editoriais, geralmente publicados nas páginas introdutórias dos jornais, se realizada de forma habitual, poderá ser um valioso instrumento para uma leitura crítica, pois, com o tempo, será possível desvendar, ou seja, ficará clara a ideologia defendida pelo meio de comunicação. Não é tarefa fácil. Exige dedicação, atenção e criticidade. É uma boa alternativa ao leitor para a escolha do jornal que mais se assemelha à sua visão de mundo.

4 Possibilidades do uso do jornal em sala de aula

Depois da problematização em torno do uso dos jornais e também dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula, é importante verificar como a lei se posiciona sobre o tema. O uso do jornal em sala de aula é apontado pelos PCN

(Parâmetros Curriculares Nacionais) dos ensinos fundamental e médio. A exemplo, um dos objetivos gerais do ensino fundamental é proporcionar ao aluno: “*saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos*” (BRASIL, 1997, p. 6).

É possível apontar várias possibilidades de uso didático-pedagógico do jornal em sala de aula. Destacamos três, sendo as duas últimas as que realmente interessam e que se ajustam aos PCN. Uma das possibilidades é trabalhar somente o conteúdo, de modo ilustrativo e complementar ao livro didático. Outra possibilidade é utilizar o jornal como instrumento de crítica da sociedade, com uma análise crítica do conteúdo divulgado. Ou ainda, em um terceiro momento, apontar uma visão abrangente sobre a mídia, com comparação de reportagens inseridas em um mesmo caderno ou em uma mesma edição do jornal.

De acordo com os PCN, as duas últimas alternativas de uso do jornal em sala de aula atenderiam a objetivos da Educação fundamental, que são: “*questionar a realidade, formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação*” (BRASIL, 1997, p. 36-37).

O jornal, no caso do ensino médio, também representa um aliado à Educação. De acordo com os PCN do ensino médio:

O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo. Se bem trabalhado, permite que, ao longo da transposição didática, o conteúdo do ensino provoque aprendizagens significativas que mobilizem o aluno e estabeleçam, entre ele e o objeto do conhecimento, uma relação de reciprocidade (BRASIL, 2000, p. 58).

Todo esse potencial do jornal, aliado à leitura crítica dos conteúdos e da própria mídia, proporcionaria, por meio do seu uso, a construção do conhecimento e o enriquecimento do aluno. Faria (2001) acrescenta que para os professores o jornal é um excelente material pedagógico, para todas as

áreas, sempre atualizado, desafiando-os a encontrar o melhor caminho didático para usá-lo criticamente na sala de aula.

Os cursos de licenciatura não realizam este elo entre os PCN e a formação dos docentes, no que diz respeito ao uso do jornal em sala de aula. Professores que se utilizam do jornal em sala de aula não são difíceis de serem encontrados, em todos os níveis de ensino. Muitos até utilizam algum programa voltado para este fim, elaborado por empresas de comunicação. Nestes casos, é comum verificar o trabalho com o jornal como instrumento didático, abordando somente os conteúdos e inserindo-os no currículo escolar, sem o questionamento, a criticidade que os PCN propõem, pois, acreditamos que não é interessante para as empresas de comunicação formar leitores críticos dos seus produtos. Após participação em oficinas para o uso de jornal em sala de aula, realizadas, uma delas, por uma empresa de comunicação e outra por especialista em educação, se percebeu que, em ambos os casos, “receitas” de como utilizar reportagens são solicitadas pelos docentes. Nas oficinas, após a entrega de apostilas ou depois de uma explanação pelo coordenador sobre as possibilidades enriquecedoras da utilização do jornal em sala de aula, os professores participantes foram pouco além daquilo sugerido, sem grandes questionamentos sobre o conteúdo divulgado e sem uma visão ampla das possibilidades do uso didático e crítico do jornal.

Esta situação é preocupante, pois vivendo em uma sociedade repleta de informações, não podemos ignorá-las. A compreensão crítica dos meios de comunicação é fundamental. Soares diz que *“temos de reconhecer, contudo, que boa parte da imprensa brasileira usa o espaço que a sociedade lhe concede de forma danosa aos interesses populares. E, o que é pior, manipula os fatos, procurando `fazer a cabeça do povo”* (1984, p. 10).

Sendo assim, uma análise dos programas de empresas de comunicação, voltados para o uso de jornal em sala de aula, torna-se indispensável, com abrangência de algumas categorias. Debates e material de leitura sobre o uso de publicações jornalísticas em sala de aula não são difíceis de serem encontrados. Este movimento teve início na Europa e atingiu o Brasil e outros países sul - americanos. Jornais como “O Estado de S. Paulo”, “Folha

de S. Paulo” e “O Globo” já possuem projetos de integração com instituições de ensino básico (BARROS FILHO, 1999).

De acordo com dados recentes, apontados em relatório do *site* da ANJ (Associação Nacional de Jornais) denominado *Os Programas de Jornal na Educação Brasileiros: um diagnóstico*, o Brasil conta com 48 empresas jornalísticas com programas para o uso do jornal em sala de aula, sendo 12 deles implantados no Estado de São Paulo. Dos 48, apenas 5% são utilizados no ensino superior, sendo a maior parte voltada para os ensinos infantis (16%), fundamentais (47%) e médios (16%), além da educação de jovens e adultos (14%), entre outros. Ainda segundo a ANJ, há 14 anos não há um ano sequer sem a implantação de um novo programa em um jornal que ainda não tinha aderido ao projeto³.

A partir destes números, percebe-se que os programas de jornal em sala de aula estão preenchendo uma lacuna da Educação e que os cursos de licenciatura não estão fazendo elo com os PCN, abordando meios de utilização do jornal, dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula. Os professores, com os programas das empresas de comunicação, são literalmente treinados para o uso da mídia em sala de aula: recebem receitas de como fazer, o que é muito diferente de formação, que envolve um estudo mais amplo e abrangente. A Universidade já deveria formar o futuro docente com uma visão crítica do conteúdo e da mídia. Verifica-se que as empresas jornalísticas é que acabam realizando este papel. Pode ser que existam algumas iniciativas isoladas, mas não há conhecimento de grades curriculares dos cursos de licenciatura que incluam disciplinas que discutam e capacitem os professorandos a se posicionarem criticamente diante dos meios de comunicação. Portanto, é necessária uma análise, do ponto de vista didático-pedagógico, destes programas para o uso do jornal em sala de aula, já que é uma prática que faz parte do cotidiano dos docentes.

³ Dados obtidos no site da Associação Nacional de Jornais (ANJ), disponível em <www.anj.org.br>. Acesso em: 18 de abr. de 2005.

CAPÍTULO 3

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O paradigma educacional tradicional, com a transmissão do conhecimento de professores para alunos passivos, já não se justifica como modelo para uma sociedade dinâmica e fortemente influenciada pelo capitalismo. A formação dos professores, nos cursos de licenciatura deveria abordar essas mudanças nas relações sociais e na Educação e preparar o futuro docente para a utilização dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula. No caso do jornal, meio de comunicação que é focado neste trabalho, precisaria ficar claro que quando ele entra para a sala de aula, deixa de ser uma mídia, devendo ser encarado como pedagógico. Portanto, é fundamental que a formação de professores atentos para esta nova sociedade aconteça no interior das Universidades. Essa formação não poderia e nem deveria ser realizada pelas empresas de comunicação, pois o enfoque pedagógico, apesar de aparecer no material distribuído para o preparo dos professores, pode proporcionar equívocos em sua utilização.

1 O uso de instrumentos didáticos-pedagógicos em sala de aula

É comum pensarmos que a escola que temos hoje, com seriações e níveis de organização, sempre existiu, com docentes que conhecem mais e, por

isso, devem transmitir os conhecimentos aos que sabem menos. Parece ser natural e necessário um espaço onde se transmite o conhecimento. A consequência deste pensamento é o ciclo onde professores “fingem que ensinam” e alunos “fingem que aprendem”, centrado na forma e não nos conteúdos significativos. A exequibilidade de mudança desta estrutura e encontro de outras alternativas para a Educação não será discutida nesta dissertação. Para atender às necessidades dos alunos na realidade atual, caberia à Universidade formar profissionais, principalmente nos cursos de Pedagogia e nas licenciaturas, atentos à realidade social de hoje, que é dinâmica e com forte influência dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação, e incentivar o uso de instrumentos didático-pedagógicos que possibilitem a quebra do ciclo acima citado e proporcionem uma ruptura com o paradigma educacional de transmissão do conhecimento para o paradigma da construção do conhecimento, com o professor sendo um mediador e não o detentor deste conhecimento.

Portanto, é importante verificar como a Educação busca meios de encontrar o melhor caminho para os professores em sala de aula. Comênio, já no século XVII, expressa a necessidade de uma “nova educação” e a preocupação com a introdução de novos materiais, que auxiliem a dinâmica educacional. De acordo com o livro *História da Educação*, de Mário Alighiero Manacorda (2004), a reelaboração da enciclopédia do saber, *orbis scibilum*, nos anos 1.600, com uma sistemática adequação às capacidades infantis, foi o grande mérito da pedagogia de Jan Amos Comenius. Comenius propõe uma escola para toda a vida, que inova ao incluir, no plano da didática, “a pesquisa e a valorização de todas as metodologias que hoje chamaríamos de ativas e que desde o humanismo começaram a ser experimentadas” (MANACORDA, 2004, p. 221). Pode-se afirmar que Comenius introduziu, em sua pedagogia, instrumentos didático-pedagógicos em sala de aula, como Atlas ilustrativos e experiências, como visitas em estaleiros, por exemplo. Sendo assim, Comenius pode ser considerado o precursor no uso dos meios de comunicação e das novas tecnologias da comunicação e da informação em sala de aula.

Outro aspecto importante da pedagogia vivenciada por Comenius é o fator temporal de aprendizagem. Segundo Ponce, para Comenius “ensinar

rapidamente não bastava, também era necessário ensinar `solidamente`” (2003, p. 125). Seria necessário apresentar à “*juventude as próprias coisas, em vez das suas sombras*”. Explicando melhor e transpondo para os dias de hoje, com a introdução de instrumentos didático-pedagógicos, como o jornal em sala de aula, por exemplo, com uma leitura crítica dos conteúdos, seria possível trazer fatos da realidade para dentro da escola e construir o conhecimento sólido, por meio de leituras críticas, debates e novas pesquisas.

Também como Comenius, é fundamental citar outros pedagogos interessados em uma nova educação, com suas teorias pedagógicas sempre visando expressar como melhor funcionaria a relação entre professor e aluno na escola. A história revela que há três principais teorias do conhecimento que norteiam as teorias pedagógicas. Não é objetivo desta dissertação aprofundar o debate sobre essas linhas teóricas, é importante citá-las e expressar qual delas é a que se relaciona melhor com a realidade educacional de hoje e que pode proporcionar o melhor caminho para a aplicação do jornal em sala de aula. De acordo com Mizukami:

Toda interpretação do fenômeno vital, quer seja biológica, sociológica, psicológica, etc., resulta de uma relação sujeito-ambiente, isto é, deriva de uma tomada de posição epistemológica em relação ao sujeito e ao meio. Subjacentes ao conceito de homem, de mundo, de aprendizagem, conhecimento, sociedade, cultura, etc., estão presentes – implícita ou explicitamente – algumas dessas posições. Essas diferentes posições podem implicar, do ponto de vista lógico, diferentes aplicações pedagógicas (2003, p. 2).

Os estudos mostram que há teóricos da educação chamados de empiristas, que afirmam que o professor é o controlador, que consideram o organismo sujeito às contingências do meio, sendo o conhecimento uma cópia de algo do mundo externo. O sujeito é considerado uma *tabula rasa*. É primado do objeto. Há ainda os teóricos defensores do apriorismo ou inativismo. Eles afirmam que as formas de conhecimento estão predestinadas no sujeito, portanto, é primazia do sujeito e o professor tem apenas o papel de facilitador do processo de aprendizagem. E em uma outra linha, estão os teóricos

interacionistas, que defendem que o conhecimento é uma construção contínua e, em certa medida, a invenção e a descoberta são pertinentes a cada ato de compreensão. É primado da interação entre sujeito e objeto e o professor é visto como um mediador do processo de aprendizagem (MIZUKAMI, 2003). Dentre os teóricos da educação desta última linha citada - e também podemos incluir alguns da psicologia do desenvolvimento humano – estão Piaget, Bruner, Vygotsky, Paulo Freire e Freinet. Este último merece algumas considerações, pois introduziu, na França, uma proposta educacional desenvolvida com o auxílio da imprensa escolar, pertinente para o objeto de avaliação desta dissertação.

Freinet, em meados do século passado, introduziu, em uma pequena escola do interior da França, a imprensa escolar. Propôs métodos alternativos de Educação, com troca de correspondências entre escolas e a introdução do jornal escolar pois, *“o que mais incomodava Freinet era o fato de que os jovens não se interessavam pelo momento político que viviam, do qual eram parte integrante e vítimas inocentes”* (SAMPAIO, 1994, p. 63). Freinet acreditava que, com a imprensa, seria possível trazer o mundo para dentro da escola. Era uma experiência totalmente inovadora para a escola e, segundo Freinet, *“a escola preparou alunos e esqueceu-se de preparar homens. Não se esqueceu: é de propósito que ela não prepara homens”* (SAMPAIO, 1994, p. 63). Freinet fez, desta forma, uma crítica à alienação que sugere o capitalismo e na qual a escola está inserida. A preocupação com o uso do jornal em sala de aula deve ser justamente esta. O jornal não pode ter a característica de alienação. É justamente o contrário que se deveria ser trabalhado em sala de aula, ou seja, a criticidade. Com o jornal, é possível trazer fatos do mundo para um debate dentro da escola, mas a criticidade é importante, pois não se deve aceitar o que está escrito passivamente, como propõe o paradigma da educação tradicional, de transmissão do conhecimento. O jornal não deveria ser visto como transmissor de conhecimento e sim fonte de informação que pode gerar um conhecimento mais profundo e amplo, desde que haja criticidade em sua leitura. Portanto, é fundamental o preparo de professores por parte das Universidades e não das próprias empresas, para que não haja alienação.

2 A formação de professores na contemporaneidade

O currículo dos cursos de licenciatura e pedagogia precisa se adaptar à nova realidade, com professores preparados para atender às demandas atuais e as que virão futuramente, pois o avanço, neste caso, e as inovações tecnológicas ocorrem muito rapidamente. As novas tecnologias da informação e da comunicação, hoje consideradas novas, serão substituídas no futuro, pois o capitalismo sugere consumo e, portanto, o inovar por inovar.

Demo (2005) apresenta dez características essenciais ao professor do futuro, das quais duas podem ser retomadas neste estudo, pois dizem respeito à formação do professor para o uso dos meios de comunicação – nos quais o jornal está incluído – e das novas tecnologias da informação e da comunicação.

Para Demo, o professor do futuro precisa compor-se com a atualização permanente. *“Sem desprezar o domínio dos conteúdos, necessário para o exercício profissional, o conhecimento renovado valoriza mais o conhecimento metodológico, representado no saber pensar e o aprender a aprender”* (2005, p. 84). O conhecimento metodológico de como funcionam as novas tecnologias da informação e da comunicação e dos meios de comunicação é fundamental para que, no caso do uso do jornal em sala de aula, recebam o direcionamento à criticidade que se defende. Sem uma atualização permanente, o professor não conseguirá introduzir os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula de modo crítico, ou inovador - já que a criticidade é uma das características da educação inovadora. Sem uma formação para a utilização dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula, o professor corre risco de utilizá-las somente como ilustração, como já dissemos e transmitir conhecimento, sem desafiar o aluno ao pensamento crítico, à reflexão, ou seja, à construção do conhecimento significativo.

Outra característica do professor do futuro, defendida por Demo (2005), é que ele precisa afeiçoar-se com a instrumentação eletrônica, na qual podemos incluir também os meios de comunicação, como a televisão e os mais

tradicionais, como o jornal e as novas tecnologias da informação e da comunicação. Demo apresenta os motivos:

- a) É habilidade natural do mundo atual trabalhar a informação e o saber disponíveis pela via eletrônica, por ser mais atraente e eficiente; a maioria das aulas sucumbe já nesta empreitada.
- b) Mais decisivo ainda será saber trabalhar marcas reconstrutivas da informática, para superar a tendência meramente instrucionista e nisto muitas vezes imbecilizante; a informática, de si, não forma, mas pode colaborar em processos formativos, desde que busque ultrapassar simples “treinamento” (2005, p. 84-85)

Refletindo sobre as palavras de Demo, pode-se reforçar a afirmação de que os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação e da comunicação não podem ser caracterizados como “estrelas” em sala de aula. O importante é o conteúdo. O jornal ou o computador em si só não caracteriza inovação em sala de aula. Somente quando utilizados com criticidade, uma das características da inovação, é que podemos dizer que o direcionamento fornecido aos meios de comunicação e às tecnologias é o mais apropriado. Portanto, a necessidade de preparo e não “treino” de professores, que fazem muitos programas para o uso de jornal em sala de aula, deve ser um dos focos da Universidade, evitando assim o uso “imbecilizante” de instrumentos didático-pedagógicos, incluindo o jornal.

Pode-se concluir, então, que o professor precisaria ser formado para o uso dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula. Nas palavras de Sampaio e Leite, seria a alfabetização tecnológica do professor. De acordo com as autoras:

A alfabetização tecnológica, assim como a alfabetização da escrita e da leitura, também deve ser encarada como um processo que conjuga duas habilidades indissociáveis: na lecto-escrita estas habilidades referem-se à decodificação de signos escritos e à interpretação ou atribuição de algum sentido do

texto. No caso da alfabetização tecnológica do professor, uma habilidade relaciona-se à compreensão do mundo, à interpretação da linguagem (vista como forma) tecnológica e de suas mensagens e sua posição na configuração atual do mundo (vistas como conteúdo); e outra, à manipulação técnica das tecnologias. (2004, p. 59)

É importante ressaltar, no texto de Sampaio e Leite, que o professor precisa ser capacitado para a leitura, ou seja, saber fazer a análise do texto, do seu conteúdo, no sentido que atribui a ele. É necessário desenvolver esta habilidade lecto-escrita para atingir uma criticidade na leitura de textos jornalísticos, bem como a outra habilidade, a alfabetização tecnológica, visando ao conhecimento dos meios de comunicação, das suas manipulações, linguagens e seus conteúdos. Associada a esta última habilidade, está a competência de manipulação técnica das mídias.

De acordo com Fadel, nesta sociedade repleta de informações, muitas vezes provenientes dos meios de comunicação, é preciso “*buscar compreender a mídia como processo de reprodução da cultura do consumo e do poder de mobilização social e formação de mentes*” (2005, p. 10-11). Esta é a competência midiática, a que o professor deve estar atento, visando compreender os meios de comunicação também como empresa industrial, meios de informação, de opinião. A competência midiática é dividida, por Fadel (2005, p. 57-58), em duas dimensões: a dimensão didática, que diz respeito à capacidade de processar e utilizar as informações da mídia como recurso didático-pedagógico na construção do conhecimento e a construção do conhecimento e a dimensão crítica.

Sobre a dimensão crítica, Fadel acrescenta que:

Neste contexto social, emaranhado pela força da mídia, talvez seja necessário que o próprio educador repense com uma auto-crítica que leva à reflexão. O desafio é não se limitar a ser apenas uma fonte de informação como tantas outras, mas principalmente desenvolver, nos alunos e em si mesmo, um espírito crítico, através do diálogo e confronto de idéias, em um ambiente de compreensão e liberdade que seja capaz de construir uma nova lógica de conduta apoiada na responsabilidade social (2005, p. 110-111).

Para que isso ocorra, é importante conhecer como funcionam tecnicamente os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação e da comunicação, visando não deixar com que o tecnicismo influencie a conduta pedagógica, ressaltando sempre a necessidade da criticidade na utilização de recursos didático-pedagógicos em sala de aula.

Diante deste cenário atual, repleto de informações, há ainda a necessidade de aplicação da interdisciplinaridade em sala de aula. Programas para uso do jornal em sala de aula propõem atividades interdisciplinares em seus manuais voltados à formação de professores. A interdisciplinaridade não é algo simples de ser obtida em uma instituição. É um processo que demanda tempo. Portanto, afirmar que a aplicação do jornal em sala de aula pode ser a solução para a interdisciplinaridade pode ser perigoso. A interdisciplinaridade depende muito da postura e disposição dos docentes envolvidos em um determinado projeto. De acordo com Poloni *“interdisciplinaridade significa uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida rente ao problema do conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para uma concepção unitária de ser humano”* (2005, p. 1).

A interdisciplinaridade pressupõe uma atitude não preconceituosa, de abertura, onde todos os conhecimentos são importantes. É uma questão que merece cuidado. Segundo Rios:

Com freqüência fala-se em interdisciplinaridade referindo-se a uma “mistura” de saberes, uma “soma” de enfoques, de abordagens, numa tentativa de ampliação do conhecimento. Tentar ampliar o conhecimento é o desafio maior que se coloca ao homem, na aventura que é a vida com os outros, em sociedade (2004, p. 133).

Sendo assim, simplesmente citar que o jornal pode ser trabalhado em determinadas disciplinas, em conjunto, com caráter interdisciplinar, é muito simplista, pois a formação de professores para a interdisciplinaridade requer muito mais que isso. Portanto, depois de todas as explanações acima, verifica-se a relevância da análise dos programas de uso de jornal em sala de aula.

CAPÍTULO 4

PROGRAMAS DE USO JORNAL EM SALA DE AULA

Materiais de programas para o uso do jornal em sala de aula, elaborados por empresas de comunicação e voltados para a formação do professor, geralmente oferecem métodos, inclusive com exemplos, para o uso didático-pedagógico do jornal em sala de aula. Este material influencia a atuação do professor que, muitas vezes, não foi preparado para o uso didático da mídia nos cursos de licenciatura. Sendo assim, acabam utilizando o jornal de modo ingênuo, não aproveitando todo o seu potencial. Neste capítulo, será feita a análise do conteúdo de dois programas, elaborados por empresas jornalísticas, voltados para a capacitação do professor para o uso de jornal em sala de aula. Para isso, foram estabelecidas categorias de análise, conforme será descrito a seguir.

1 Metodologia de análise dos programas de uso do jornal em sala de aula

São muitos os programas elaborados por empresas de comunicação voltados para o preparo docente para o uso do jornal em sala de aula. Hoje já somam 50 ao todo no Brasil, dois a mais conforme dados apontados no capítulo II. Fica evidente que estes programas são uma estratégia de mercado para a aquisição de novos leitores, já que o aumento do número destes

programas coincide com a queda do número de leitores de jornais. Essa realidade é confirmada no *site* da Associação Nacional de Jornais⁴, que conta com um texto da coordenadora dos Programas de Jornal na Escola das empresas filiadas à ANJ, Carmen Lozza. Segundo ela, os objetivos dos programas são:

Dentre os associados da ANJ (jornais), muitos deles já criaram programas que levam jornais a escolas, bibliotecas e outras instituições educativas com o intuito de formar novos leitores, contribuindo para que se revertam os baixos índices de leitura entre nós, brasileiros, e abrindo, inclusive, a oportunidade de facilitar o acesso às questões do cotidiano descritas nos jornais para que cada um sobre elas se posicione e faça suas escolhas em prol de uma sociedade melhor (2005, p. 1).

Ainda de acordo com os dados obtidos no *site* da ANJ, as 50 empresas que têm o programa:

Todas elas estão bastante satisfeitas com os resultados que vêm obtendo com o seu desenvolvimento. As principais motivações que as levaram a investir em suas respectivas ações dividem-se entre as seguintes:

- 24% optaram pelo objetivo de "favorecer o exercício da cidadania por parte dos jovens";
- 20% optaram pelo objetivo de "investir na formação de novos leitores de jornal";
- 18% optaram pelo objetivo de "dar início a uma iniciativa que expresse a responsabilidade social da empresa" (2005, p. 1).

Com o cultivo do hábito de ler jornais na infância, há possibilidade de o aluno se tornar um assinante ou leitor de jornal no futuro, o que é louvável, pois o aumento da leitura de jornais é importante. Para atingir seu intuito, tais empresas estão oferecendo cursos de capacitação de professores para o uso do jornal em sala de aula, embora seja questionável a iniciativa, já que traz em

⁴ Os dados obtidos no site ANJ (Associação Paulista de Jornais), disponível em <www.anj.org.br>. Acesso em 07 de out. de 2005.

seu bojo interesses estritamente comerciais, que não são divulgados para o leitor. As empresas estão ocupando uma lacuna ou uma deficiência deixada pelos cursos de licenciatura. Sendo assim, avaliar como esses programas são elaborados, qual o seu conteúdo e as conseqüências na formação do professor é relevante.

Com essa finalidade, nesta dissertação, para a realização de uma pesquisa documentada, foram escolhidos materiais de dois programas de jornal em sala de aula, sendo um pertencente ao projeto Jornal e Educação, da ANJ, que conta com 50 programas, apesar de todos partirem da orientação de uma mesma pessoa, pois todas as empresas são filiadas à associação; e outro, não pertencente à ANJ, elaborado por orientações de outro diretor. Essa distinção é importante para verificar se os rumos de ambos os programas coincidem ou se os que seguem os critérios da ANJ acabam se sobressaindo, ainda que o critério para a escolha de ambos tenha sido a acessibilidade. Os nomes dos jornais não serão divulgados, para preservar a empresa.

Cinco categorias e subcategorias de análise foram elencadas para a análise do material dos programas de uso de jornal em sala de aula. Para sistematizar a avaliação de cada programa (e outros que possam vir a interessar) foi desenvolvida uma planilha (ver anexo A) com as categorias de análise, que serão abordadas a seguir.

É importante ressaltar que, além da análise por categorias de dois Programas de Uso de Jornal em sala de aula, para verificar como se posicionam os responsáveis por estes programas em relação às categorias de análise e também para verificar quais os objetivos dos programas e da empresa, foi elaborado um questionário (ver anexo B) com 10 questões, sendo 5 fechadas e outras 5 abertas. O questionário foi enviado pela pesquisadora para 50 responsáveis pelos 50 Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula existentes no Brasil filiados a ANJ, via e-mail, com uma carta de apresentação elaborada pelo orientador da pesquisa (anexo C) e com instruções para resposta.

A primeira categoria para avaliação dos Programas de Uso de jornal em sala de aula trata da *capacitação de professores*. Em seguida será analisado o *desenvolvimento de uma competência midiática docente* por meio

do uso destes programas. Outra categoria é a do *jornal como instrumento didático-pedagógico*. Também será avaliado o *jornal como instrumento que estimula a criticidade* e, finalmente, o aspecto do *jornal como instrumento que promove a interdisciplinaridade*.

A *capacitação de professores*, com base nas leituras de Demo (2005) e Sampaio e Leite (2004), avaliará se os programas estimulam o docente à reflexão crítica no uso do jornal, comparando reportagens de um mesmo exemplar, e apresentam os papéis da mídia como o *agenda setting*, a crença de que o jornal gera conhecimento e não é somente fonte de informação, e a *ilusão referencial*, ou seja, apontar aos professores que aquilo que está divulgado é fruto da visão de um repórter, que codificou a mensagem de acordo com a sua visão de mundo e com o contexto no qual está inserido. Outra pessoa que tenha presenciado o mesmo fato pode ter uma visão completamente diferente da descrita pelo repórter. Esta categoria avaliará se os programas proporcionam ainda a construção de um conhecimento sobre a mídia que se espera do professor do futuro.

O *desenvolvimento de uma competência midiática no docente*, de acordo com Fadel (2005), é a capacidade dos docentes lidarem com os meios de comunicação e com as novas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula, tanto no aspecto técnico, quanto no aspecto de instrumento didático-pedagógico que auxilia o aprendizado. Para analisar esta categoria, verificaremos, com subcategorias, se o programa realmente realiza um trabalho de explanação sobre como funciona o jornal, apresentação das editorias, a distribuição dos cadernos e a explicação dos “jargões” jornalísticos, que seria a competência técnica. Também será verificado, com uma outra subcategoria, se há uma comparação sobre a diferença entre os tipos de textos existentes no jornal.

Outra categoria é o *jornal como instrumento didático-pedagógico*. Faria (2001) e Ijuim (2002) apontam o jornal como sendo um excelente instrumento em sala de aula: motiva e traz fatos da realidade para debates dentro dela. Para verificar se o programa avaliado atende a esta categoria, serão analisadas, como subcategorias:

- a) o uso do jornal como ilustração de conteúdo de aula/disciplina;

- b) o uso do jornal para análise factual da sociedade, por meio do questionamento do conteúdo das reportagens;
- c) o uso do jornal para análise da própria mídia (jornal), incentivando uma interação com o próprio jornal;
- d) o uso do jornal como fonte de pesquisa e de informação, que pode gerar conhecimento.

O jornal como instrumento que estimula a criticidade terá como base os conceitos de Soares (1984), Demo (2005) e Cunha (2002). Será analisado se o programa incentiva ou apresenta meios de realização de uma leitura crítica, que cause questionamento e ruptura com o que foi noticiado. E, como subcategoria, se o programa admite que não gera conhecimento e é uma fonte de informação que, por meio de questionamentos, incentive leitura crítica, geradora de novas pesquisas e só assim o conhecimento será adquirido com o jornal, como instrumento e não como fonte única e detentora da verdade absoluta.

O jornal como instrumento que promove a interdisciplinaridade, cujo referencial é Poloni (2005) e Rios (2004), é outra categoria fundamental para avaliação dos projetos. Será verificado se há referência a atividades interdisciplinares envolvendo o uso do jornal, se há propostas de trabalho em conjunto com outros professores em torno de determinado tema, se a aplicação do jornal na escola sugere uma integração maior entre professores e alunos.

2 Avaliação de Programas de Uso do Jornal em sala de aula

A avaliação de Programas de Uso do Jornal em sala de aula é relevante, pois há, atualmente, 50 empresas jornalísticas com projetos envolvendo a Educação. A análise será feita do material de dois programas, identificados apenas como Programa Alfa e Programa Beta. Após a avaliação dos programas, será possível estabelecer comparativos entre o que propõe o

material e o que os responsáveis por esses programas têm como objetivos, por meio do questionário. Somente a partir da avaliação dos programas e da comparação com as respostas obtidas com os coordenadores, é que será possível verificar o grau de influência e relevância destes programas na Educação.

2.1 O Programa Alfa

O Programa Alfa é de um jornal filiado à ANJ e conta com um manual de 40 páginas, em formato de livro, distribuído aos professores participantes. Este manual é dividido em duas partes. A primeira é totalmente dedicada à explicação de como funciona o jornal, com as suas editorias, projeto de diagramação, cadernos e diferentes tipos de textos jornalísticos, ocupando 50% das páginas. A outra metade, dedicada exclusivamente à apresentação de atividades possíveis para a utilização do jornal em sala de aula. São sugestões de como o professor pode trabalhar matérias e reportagens com os seus alunos. Na parte final, há vários contatos disponíveis para a interação com a empresa que patrocina o programa.

Para a avaliação, utilizamos as duas partes do manual e verificamos o que cada página contém sobre as categorias e subcategorias de análise relacionadas anteriormente.

Categoria: Capacitação de Professores.

É explorada no manual em somente uma das três subcategorias de análise, sendo ela a construção de um conhecimento. As subcategorias: apresentação dos papéis da mídia, ou seja, mostrar que os meios de comunicação possuem ideologias, são empresas, podem cometer falhas e não são detentores da verdade absoluta; e o estímulo à reflexão crítica no uso do jornal, comparando notícias em um mesmo exemplar, não são tratadas em nenhum momento.

Subcategorias:

1) Estímulo à reflexão crítica no uso do jornal.

A criticidade no uso do jornal deveria ser abordada com comparações entre matérias, reportagens e editoriais publicados em uma mesma edição. Posicionamentos e definições desencontradas podem ocorrer em um mesmo exemplar. Quando se analisa criticamente o jornal, essas diferenças ficam claras. Esta subcategoria não é abordada neste manual, ou seja, o programa Alfa não se preocupa em formar professores críticos em relação à própria mídia.

2) Apresentação dos papéis da mídia (agenda setting, ilusão referencial e fonte de informação).

Não é apontada em nenhum momento. Pode-se notar, contudo, que não há interesse em fazer uma crítica da mídia e somente formar novos leitores, mesmo que com objetivos pedagógicos, conforme apontado nos objetivos dos Programas de Uso de Jornal em sala de aula, divulgados no *site* da Associação Nacional de Jornais (ANJ).

3) Construção de um conhecimento.

Aparece citado em dois momentos, de maneira superficial e sem muitos esclarecimentos:

- *Aquisição de novos conhecimentos e conseqüente formação de conceitos (para os alunos) (p. 7).*

Explica como o jornal pode ser uma fonte de conhecimento, desde que seja encarado como uma fonte de informação. Pode gerar conhecimento e a formação de conceitos, mas para isso deve ser olhado como fonte de informação.

Sobre a categoria Capacitação de Professores, podemos destacar no manual do Programa Alfa as seguintes afirmações complementares:

- *Colabora (o programa) para a formação continuada de alunos e professores (7).*

- *O professor tem papel de mediador da leitura (17).*
- *...tudo no próprio ritmo do aluno (17).*
- *....o que o professor deve definir antes de introduzir o jornal como elemento didático (17).*

Respeitar o ritmo dos alunos, o conhecimento do professor como mediador e o preparo da aula, antes da utilização do jornal como instrumento didático pedagógico, são fundamentações relevantes para o processo educacional e são abordadas e difundidas pelo Programa Alfa.

Categoria: desenvolvimento de uma competência midiática.

Outra categoria bastante explorada no manual do Programa Alfa. Há referências a todas as subcategorias de análise, mas com omissões importantes, como, por exemplo, explicar o que é o *agenda setting* (BARROS FILHO, 1999). Houve a oportunidade para explicar esse papel da mídia, mas não foi aproveitada.

Subcategorias:

- 1) Explanação de como funciona o jornal.

É bastante abordada e complementada com as subcategorias seguintes

- *Fique por dentro (p. 8).*
- *Manchete do dia: elaborada para atrair a atenção do leitor (p.8).*
- *Chamada: atrair a atenção das páginas internas (p.8).*
- *...julgamento de importância definido pelas editorias e chefia de redação (p.8).*

Aqui poderia ter sido explorado o *agenda setting*, já que há a afirmação de que a manchete, as chamadas e o julgamento de importância das reportagens são definidos por um jornalista responsável.

2) Apresentação de editoriais, cadernos e seus conteúdos.

Subcategoria bem apresentada no manual. Há explicação das páginas, colunas e função de cada texto.

- *1ª Página (p.8).*
- *Anúncio, box sem cerca, box cercado (p. 9).*
- *Box números, box ponto, caderno (p. 10).*
- *Caderno ou suplemento especial (p. 11).*
- *Expediente, (p. 12).*
- *Diagramação, foto (p. 13).*
- *Infográfico, matéria (p. 14).*
- *Olho, pauta (p. 15).*
- *Suplemento, título (p. 16).*

Há ainda ilustrações das páginas, apontando todas as definições acima citadas. É bastante abrangente e apresenta uma visão geral do funcionamento do jornal.

3) Explicação de jargões jornalísticos.

Alguns termos jornalísticos são citados e explicados no Programa Alfa. É importante para entender o que querem dizer jornalistas com determinada palavra, que pode ter sentido totalmente diferenciado do tradicional.

- *Gravata (p. 13) [é a frase colocada logo abaixo do título; tem a função de complementar, ampliando a informação contida no título].*
- *Lingüiça (p. 14) [aproveitamento de uma coluna da página para publicação de notícias em forma de pequenas colunas].*
- *Suspensório (p.16) [palavra ou frase publicada acima do título, indicando o tema que está sendo tratado].*
- *Tira ou cartum (p. 16) [desenho humorístico no qual o autor pode contar uma história e fazer uma crítica de costumes].*

4) Comparação entre tipos de textos jornalísticos.

É fundamental para o trabalho crítico em sala de aula. Saber quem escreve os textos e qual o tipo de posicionamento que os autores dos textos podem ter. Por exemplo, em uma reportagem ou notícia, a imparcialidade é importante; já no editorial, é fundamental o posicionamento em relação a determinado assunto ou ao fato noticiado.

- *Artigo (p. 9).*
- *Charge ou caricatura, coluna (p. 10).*
- *Crônica, editoria ou editorial (p. 12).*
- *Notícia, reportagem (p. 15).*

Portanto, na categoria desenvolvimento de uma competência midiática, o Programa Alfa não cita o agenda setting, um dos principais papéis da mídia e que precisa ser abordado, principalmente na formação dos professores. Sobre o editorial, o Programa Alfa só explica que é a opinião do jornal; não o aprofunda, comentando sobre as ideologias implícitas e a circulação de opinião que o meio de comunicação promove. Afirma que a notícia não deve conter a opinião do repórter, apenas a descrição do acontecimento (ilusão referencial); em seguida, explica que o olho chama a atenção para determinado aspecto ou informação. Ou seja, é uma contradição, pois não pode haver imparcialidade quando se elege algo de destaque. A escolha é pessoal, seja do jornalista ou do editor.

Categoria: Jornal como instrumento didático-pedagógico.

O Programa Alfa apresenta o jornal como um instrumento didático-pedagógico de apoio ao conteúdo a ser trabalhado em sala de aula. Pode se tornar o elemento mais importante em sala e ser visto como um complemento ao livro didático, porque é o jornal mais atualizado e também motivador.

Subcategorias:

- 1) Uso do jornal como ilustração de conteúdo de aula/disciplina.
- *...relação com seus conhecimentos e suas experiências com o conteúdo das notícias (para os alunos) (p. 7).*

- *Recurso sempre atualizado (p. 7).*
- *Encurta as distâncias entre a proposta do professor e o livro didático (p. 7).*
- *Explorando o conteúdo do jornal (p. 21).*
- *Utilizar dados do jornal para atualizar informações dos livros didáticos (p. 31).*

No desenvolvimento de toda argumentação deste trabalho, defendemos que o jornal pode ser muito mais enriquecedor, quando utilizado além do conteúdo ilustrativo, como fonte de pesquisa. Não que o conteúdo não seja importante; é que o jornal tem um grande potencial para o conhecimento que poderia ser explorado. No manual do Programa Alfa há uma forte tendência à defesa de utilização do jornal nesta perspectiva, visando complementar o conteúdo de aula.

2) Uso do jornal para análise factual da sociedade.

- *Ver, projetar e analisar a realidade social e sua própria participação na sociedade e intervir na realidade, buscando uma transformação (para os professores) (p. 7).*
- *Amplie esse trabalho acompanhando as atividades desenvolvidas pelos órgãos de saúde pública de sua cidade (p. 32).*
- *Estimule (professores) os alunos para que façam a vinculação de certas práticas corporais a camadas sociais (p. 36).*
- *Fazer críticas de costumes e debater o momento sócio-político do país, estado e região (p. 28).*

No Programa Alfa, é um item bastante explorado e incentivado, inclusive, nas atividades sugeridas com o uso do jornal em sala de aula.

3) Uso do jornal para análise da própria mídia (jornal).

- *Identificar matérias que mostrem a influência da mídia sobre o comportamento (p. 23).*

- *O leitor é uma das principais fontes de informação do jornal e os jornais reservam espaços em suas páginas para que ele se manifeste, seja qual for sua faixa etária (p. 37).*
- *Veja como funcionam alguns destes serviços (de interatividade com o leitor) e, depois, convide seus alunos para identificar as possibilidades de interatividade do leitor....(p. 37).*
- *Central de redação/atendimento ao leitor...reclamações, dúvidas e sugestões dos leitores (p. 37).*
- *Verificar se há falta de parecer de alguma parte envolvida ou de esclarecimentos indispensáveis em alguma reportagem e escrever para a redação do jornal, questionando o repórter sobre a questão (p. 24).*
- *Escrever para a coluna do leitor, reforçando ou contestando a opinião do autor do artigo discutido (p. 25).*

Esta subcategoria de análise aparece no Programa Alfa, mas somente com crítica ao conteúdo divulgado e com meios de interatividade do leitor com o jornal, por meio de reclamações e sugestões, por exemplo. Pode ser vista como uma crítica à própria mídia, mas é superficial, pois não aborda uma crítica à ideologia das empresas e uma crítica mais contundente aos meios de comunicação em geral, aos seus interesses econômicos e às suas atividades obscuras (BERABA, 2005).

4) Uso do jornal como fonte de pesquisa.

- *Função do jornal como veículo de informação e fonte de pesquisa (p. 21).*
- *Reportagens de outras publicações são bem vindas (p. 22).*
- *Fazer uma pesquisa de opinião sobre a reportagem, entrevistando pais e outros membros da comunidade e enviar o resultado da pesquisa para o jornal (p. 24).*

O Programa Alfa tem clara preocupação em distinguir o papel do jornal como fonte de informação, que pode ser um incentivo à pesquisa, diferenciando-o de fonte de conhecimento.

Outros itens, relativos a esta categoria jornal como instrumento didático-pedagógico, aparecem no manual do Programa Alfa.

- *Jornal como recurso didático para ensinar a ler, a escrever e a pensar (p. 6).*
- *Jornal bem trabalhado, com atividades desafiadoras e envolventes, pode ser melhor do que muitos computadores (p. 6).*
- *Ultrapassar a utilização técnico-utilitarista (p. 7.)*

Nota-se que a utilização do jornal como instrumento didático-pedagógico é fundamental para o Programa Alfa. Há até um certo exagero, com a colocação do jornal acima de outros recursos didático-pedagógicos, como os livros didáticos, por exemplo, que, quando escolhidos cuidadosamente, contam com exemplares bons e preparados por educadores interessados em formar cidadãos críticos e emancipados.

Categoria: jornal como instrumento que estimula a criticidade.

Esta categoria, de acordo com o ponto de vista explorado na dissertação, deveria ser uma das mais exploradas no manual, pois, com criticidade, atinge-se muitos dos objetivos pedagógicos com a utilização do jornal em sala de aula.

Subcategorias:

1) Incentiva a leitura crítica, que proporciona ruptura com o que foi noticiado.

- *Possibilita o desenvolvimento de atividades diversificadas e inovadoras, levando o aluno a conhecer diferentes posturas ideológicas diante de um fato, a tomar posições (p. 6).*

- *Aprender a aprender e pensar de modo crítico sobre o que lê (p. 7).*
- *Fazer o leitor ler e opinar sobre a notícia apresentada, justificando sua posição (p. 22).*
- *Detectar os argumentos que sustentam a opinião do autor do artigo ou editorial, verificando se são convincentes e coerentes e se coincidem ou não com a opinião dos grupos de trabalho na turma (p. 25).*
- *Jornais cada vez mais analíticos, função de informação e formação (p. 19).*

O Programa Alfa incentiva a criticidade com o uso do jornal, ou seja, não coloca o jornal como verdade absoluta e solicita a verificação dos argumentos nos editoriais. Conforme aponta Soares (1984), conhecer a linha editorial é um dos caminhos para a leitura crítica dos jornais.

Categoria: jornal como instrumento que promove a interdisciplinaridade.

Subcategoria

- 1) Protocolo de trabalhos que integram vários professores e diferentes disciplinas.
 - *Recurso interdisciplinar (p. 7).*

Pode-se notar que aparece somente uma vez. Poderia ser melhor explorado, pois o jornal realmente pode proporcionar atividades interdisciplinares, como cita o manual do Programa Alfa, sempre ressaltando que é uma prática difícil e o jornal pode auxiliar nesta caminhada.

Planilha de avaliação – Programa Alfa

CATEGORIAS referentes a:	SUBCATEGORIAS referentes a:	SIM	NÃO	OBSERVAÇÕES
Capacitação dos professores	Estímulo à reflexão crítica no uso do jornal		X	- Colabora para a formação continuada de alunos e professores (7)
	Apresentação dos papéis da mídia		X	- O professor tem papel de mediador da leitura (17) - ...tudo no próprio ritmo do aluno (17)
	Construção de um conhecimento	x		-dicas sobre o que o professor deve definir antes de introduzir o jornal como elemento didático (17)
Desenvolvimento de uma competência midiática no docente	Explicação de como funciona o jornal	x		- Não cita o agenda setting
	Apresentação de editoriais, cadernos e seus conteúdos	X		- Sobre o editorial, só fala que é a opinião do jornal, não aprofunda, explicando as ideologias implícitas e a formação de opinião que o meio de comunicação promove.
	Explicação de jargões jornalísticos	X		- Afirma que a notícia não deve conter a opinião do repórter, apenas a descrição do acontecimento (ilusão referencial), em seguida, afirma que o olho chama a atenção para determinado aspecto ou informação.
	Diferenças entre os tipos de textos jornalísticos	X		
Jornal como instrumento didático-pedagógico	Uso do jornal como ilustração de conteúdo de aula/disciplina	X		- jornal como recurso didático para ensinar a ler, a escrever e a pensar (p. 6).
	Uso do jornal para análise factual da sociedade	X		- jornal bem trabalhado, com atividades desafiadoras e envolventes, pode ser melhor do que muitos computadores (p. 6).
	Uso do jornal para análise da própria mídia (jornal)	X		- ultrapassar a utilização técnico-utilitarista (p. 7).
	Uso do jornal como fonte de pesquisa	X		- recurso interdisciplinar (p. 7). - televisão como complemento do jornal (p. 19).
Jornal como instrumento que estimula a criticidade	Incentiva a leitura crítica, que proporciona ruptura com o que foi divulgado	X		- possibilita o desenvolvimento de atividades diversificadas e inovadoras, levando o aluno a conhecer diferentes posturas ideológicas diante de um fato, a tomar posições (p. 6).
Jornal como instrumento que promove a interdisciplinaridade	Protocolo de trabalhos que integram vários professores e diferentes disciplinas	x		- recurso interdisciplinar (p.7).

Reflexões sobre o Programa Alfa

É nítida a preocupação do programa em formar leitores, conforme aborda a ANJ em seu *site*.

Há ainda um exagero no incentivo ao uso do jornal em sala de aula. Nota-se que há sempre um meio de usar o jornal, em todas as disciplinas, em todos os momentos. Desta forma, não se aproveita todo o potencial do jornal, que precisa ser trabalhado como fonte de informação e incentivo à pesquisa, como instrumento que permite a duas críticas: à sociedade e à própria mídia, o que demanda tempo e preparo docente, com jornais que abordem os temas que serão tratados nas aulas.

Há uma grande insistência do programa em indicar “receitas” de como usar o jornal em sala de aula, que são abordadas em todo o Manual.

No material para a capacitação de professores e monitores, que complementa o manual, algumas categorias não aparecem, como por exemplo o jornal como instrumento que estimula a criticidade, tanto da mídia e quanto conteúdo e à sociedade. O enfoque é maior para o conteúdo e para a leitura, o que pode significar que a criticidade não é tão fundamental em sala de aula.

O Programa Alfa faz referência a autores relacionados à Educação, como Vygotsky, Rubem Alves e Celso Antunes de modo superficial, sem explicar em quais partes as teorias deles são aproveitadas.

Há ainda uma incoerência no manual. Há uma primeira afirmação de que todas as possibilidades do uso do jornal foram apresentadas e depois que são infinitas as possibilidades de uso do jornal em sala de aula e ainda, em um outro momento, afirma que o professor é quem sabe como melhor trabalhar o jornal em sala de aula. Precisaria ficar mais claro, se as possibilidades são as apresentadas ou se o professor é quem deve ter o domínio da mídia, em sua formação pedagógica, para explorar o potencial epistemológico e crítico do jornal.

2.2 Programa Beta

Antes de relatar a análise, é importante apresentar a estrutura do material do Programa Beta de uso de jornal em sala de aula, que é de uma empresa não filiada à ANJ, mas que também conta com um diretor especializado em programas com esse fim. O material com 28 páginas, diagramadas em formato de jornal tablóide, é impresso em papel off-set. Há logotipo dos patrocinadores do Programa impresso na primeira página. As 16 primeiras abordam o uso dos diversos tipos de textos jornalísticos, das fotos e charges encontradas no jornal. As páginas seguintes enfocam o uso da publicidade em sala de aula e não será alvo da nossa análise.

Há sugestões de atividades em todas as 16 páginas, divididas sempre em duas páginas. Na primeira, o início é o item: “*Sugestão de atividade com...*” pode ser manchete, matéria, artigo e editorial, entre outras. Abaixo está o item “*Disciplinas*”, que aborda todas as matérias que podem explorar a reportagem. Outro item é: “*Temas transversais para discussão durante ou após a atividade*”, com sugestão do tema. Em seguida, há o recorte do texto jornalístico, com a identificação do recorte, identificação do tipo de texto (manchete, artigo, matéria, editorial, etc), do jornalista que o escreveu, do fotógrafo que o ilustrou, do jornal que o publicou, da localidade de origem e da idade do jornal, da data da edição e do número da edição. Na página seguinte aparecem os itens “*Atividade com...*”, identificando o tipo de texto jornalístico que será tratado; “*Exposição da Atividade*”, sempre com sugestões de jogos, teatros, brincadeiras e informações complementares sobre a matéria recortada do jornal; “*Objetivos da atividade*” e, por último, o “*Material disponível*”, que descreve tudo o que será necessário para a atividade. Estes itens aparecem em todo o manual, sempre divididos igualmente em duas páginas.

Todos esses itens que fazem parte do material aparecerão durante a avaliação descrita a seguir.

Categoria: capacitação de professores.**Subcategorias:**

1) Estímulo à reflexão crítica no uso do jornal.

Não é citada em nenhum momento.

2) Apresentação dos papéis da mídia (agenda setting, ilusão referencial e fonte de informação).

- Explica somente o que é “*mídia: conjunto de veículos formais de comunicação social (correspondência, panfleto, jornal, revista, livro, alto-falante fixo e/ou móvel, rádio, teatro, internet, televisão, cinema) e manifestações informais (anônimas e até mesmo clandestinas) de comunicação de massa (pichação, rádio-pirata, panfleto, comício)*”. Não cita a fonte.

3) Construção de um conhecimento.

Não é citada em nenhum momento.

Em todas as páginas do material do Programa Beta há sugestões, que podem ser vistas como “receitas” de como usar o jornal em sala de aula, incluindo atividades sugeridas a partir do texto jornalístico, como teatro e jogo dos sete erros, dentre outras. Sendo assim, não explora a construção do conhecimento, o rompimento com o paradigma conservador. Parece ser mesmo para copiar o que é proposto no material em sala de aula. Cita como trabalhar os temas transversais – que fazem parte dos PCN – em todas as atividades sugeridas.

Categoria: desenvolvimento de uma competência midiática.

O Programa Beta explora muito pouco esta categoria no manual, o que representa uma falha, já que essas competências precisam estar incluídas na formação docente, pois alunos e professores vivem em uma sociedade repleta de informações provenientes dos meios de comunicação (FADEL, 2005).

Subcategorias:

1) Explicação de como funciona o jornal.

Em nenhum momento há explicação de como funciona o jornal.

2) Apresentação de editoriais, cadernos e seus conteúdos.

Não há a relação das páginas, dos cadernos e dos seus conteúdos.

3) Explicação de jargões jornalísticos.

- *Definição de diagramador (p. 1).*

Informação pouco explorada, que poderia ser útil, se explanasse haver na diagramação do jornal uma escolha, com as informações consideradas mais relevantes pelo editor do jornal colocadas no topo, como “manchetes”.

4) Comparação entre tipos de textos jornalísticos.

É a única subcategoria desta dissertação que é bastante explorada no Programa Beta. Há a identificação de cada texto jornalístico, inclusive com explicação sobre o conteúdo que cada texto contém.

- *Sugestão de atividade com título de notícia (p. 1). O título da notícia é uma manchete: nome do título de toda 1ª página de notícia de cada página de noticiário (p.2).*

- *Explica o que é olho e chamada (p. 4).*

- *Explica o que é texto-legenda, foto-legenda e agência de notícias (p. 1).*

- *Explica o que é chamada e agência de notícia novamente (p.6).*

- *Explica novamente o texto-legenda, foto-legenda e agência de notícia (p. 8).*

- *Explica o editorial (p. 10.)*

- *Explica a charge ou caricatura (p. 12).*

- *Explica a carta do leitor (p. 16).*

No entanto, a categoria de modo geral é pouco explorada e na única subcategoria com as informações, há repetição das definições em muitas páginas.

Categoria: Jornal como instrumento didático-pedagógico.

Subcategorias:

1) Uso do jornal como ilustração de conteúdo de aula/disciplina.

Em todas as páginas do tablóide do manual do Programa Beta é abordado o uso ilustrativo do conteúdo para auxiliar no currículo escolar.

2) Uso do jornal para análise factual da sociedade.

O Programa Beta sugere que:

- *“Comente o resultado da pesquisa feita em Limeira e pergunte por que a população brasileira não se interessa muito por política” . “Objetivo: iniciação na política estudantil” (p. 4).*
- *“Objetivo: avaliação de atitudes do poder público” (p. 10).*
- *“Estimular a conscientização da manutenção sustentável do meio ambiente; a interpretação da realidade com a crítica do desenho caricatural (Arte)” (p. 12).*

3) Uso do jornal para análise da própria mídia.

O Programa Beta não faz uma crítica efetiva à mídia, como ocorre no Programa Alfa. Há somente uma citação que critica um equívoco comum de jornais. Aponta um erro cometido pela mídia.

- *Os estadunidenses são apresentados sempre como norte-americanos. O correto seria não norte-americanos (Geografia) (p. 8). (sic)*

4) Uso do jornal como fonte de pesquisa.

O Programa Beta não fala explicitamente que o jornal é uma fonte de pesquisa, mas após a sugestão de atividade com o jornal, coloca o item exposição da atividade. Neste quadro, sempre há uma informação ou complementação da matéria tratada, resultando implicitamente na possibilidade de o jornal ser uma fonte de pesquisa. Não se estende a uma orientação melhor.

Neste momento, para finalizar a categoria jornal como instrumento didático pedagógico, é importante apontar uma atividade sugerida pelo manual do Programa Beta. Durante a avaliação do manual, pode-se verificar que uma das atividades propostas tem como base uma reportagem sobre alimentos transgênicos. No item de exposição da atividade, porém, há uma explanação sobre o que são os produtos transgênicos e uma defesa a eles:

- *“desde a Antiguidade, a transgenia tem interferido a apressado artificialmente o processo evolutivo de vegetais e animais ao complementar a composição genética original com gens diversos, da mesma e/ou outras espécies. Assim sendo, a evolução natural de espécies vegetais e animais, que levariam milhões de anos para acontecer, acontecem artificialmente em apenas algumas décadas nos laboratórios” (p. 12).*

Contudo, o Programa Beta não aponta o “outro lado” da questão – prática comum e fundamental no jornalismo - dos que são contra a transgenia.

Categoria: jornal como instrumento que estimula a criticidade.

Subcategorias

- 1) Incentiva a leitura crítica, que proporciona ruptura com o que foi divulgado.

Não é citada em nenhum momento.

Sendo assim, o Programa Beta pouco explora esta fundamental categoria para um trabalho que realmente atinja os muitos potenciais enriquecedores com o uso do jornal em sala de aula.

Categoria: jornal como instrumento que promove a interdisciplinaridade.

Subcategoria:

- 1) Protocolo de trabalhos que integram vários professores e diferentes disciplinas.

O Programa Beta apresenta nas páginas 1, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15 e 17 o item *disciplinas*, no qual há a identificação das disciplinas cujo conteúdo da matéria jornalística pode ser explorado. Também é sugerido no item *exposição da atividade* a possibilidade do uso interdisciplinar e transdisciplinar do jornal em sala em sala.

Na página 4 há a afirmação sobre textos jornalísticos, obtidos por meio de agência de notícias: *“ambos devem ser usados interdisciplinar (Geografia com Matemática) e transdisciplinarmente (Cidadania e Trabalho), como atividade em sala de aula”*. Há esta sugestão em outros itens também. Portanto, verifica-se que há preocupação do Programa Beta em diferenciar atividades pedagógicas e grande incentivo ao uso interdisciplinar e transdisciplinar do jornal em sala de aula, ainda que sejam poucos os projetos educacionais que conseguem aplicar a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

Planilha de avaliação – Programa Beta

CATEGORIAS referentes a:	SUBCATEGORIAS referentes a:	SIM	NÃO	OBSERVAÇÕES
Capacitação dos professores	Estímulo à reflexão crítica no uso do jornal		x	<p>- Explica o que é mídia,mas não cita a fonte</p> <p>- Em todas as páginas do material há sugestões, que podem ser vistas como “receitas” de como usar o jornal em sala de aula, incluindo atividades sugeridas a partir do texto jornalístico, como teatro e jogo dos sete erros, entre outras. Sendo assim, não explora a construção do conhecimento, o rompimento com o paradigma conservador. Parece ser mesmo para copiar o que é proposto no material em sala de aula</p> <p>- Cita como trabalhar os temas transversais – que fazem parte dos PCNs –, em todas as atividades sugeridas.</p>
	Apresentação dos papéis da mídia		x	
	Construção de um conhecimento		x	
Desenvolvimento de uma competência midiática no docente	Explicação de como funciona o jornal		x	<p>- Esta parte, de explicação dos diferentes textos jornalísticos, é muito explorada, inclusive com repetição de definições.</p>
	Apresentação de editoriais, cadernos e seus conteúdos		x	
	Explicação de jargões jornalísticos	x		
	Diferenças entre os tipos de textos jornalísticos	x		
Jornal como instrumento didático-pedagógico	Uso do jornal como ilustração de conteúdo de aula/disciplina	x		<p>- Não fala explicitamente que o jornal é uma fonte de pesquisa. Mas após a sugestão de atividade com o jornal, é colocado o item exposição da atividade. Neste momento, sempre há uma informação ou complementação da matéria tratada, então fica implícita a possibilidade do jornal ser uma fonte de pesquisa, mas sem uma exploração melhor.</p>
	Uso do jornal para análise factual da sociedade	X		
	Uso do jornal para análise da própria mídia (jornal)		X	
	Uso do jornal como fonte de pesquisa		X	
Jornal como instrumento que estimula a criticidade	Incentiva a leitura crítica, que proporciona ruptura com o que foi divulgado		X	- Não é abordada
Jornal como instrumento que promove a interdisciplinaridade	Protocolo de trabalhos que integram vários professores e diferentes disciplinas	x		- Nas páginas 1, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15 e 17 há o item disciplinas, no qual há a identificação das disciplinas que o conteúdo da matéria jornalística pode ser explorado.

Reflexões sobre o Programa Beta

O Programa Beta explora bastante a dimensão pedagógica da adoção do jornal em sala de aula, com a sugestão de trabalho com temas transversais e atividades interdisciplinares e transdisciplinares.

“Invade” muito a Educação, tratando de temas pedagógicos e aborda pouco os problemas que envolvem os meios de comunicação

Quando há a definição de mídia, não é feita uma crítica ou uma explanação mais completa sobre os seus papéis na sociedade atual.

Há pouco estímulo ao desenvolvimento da criticidade no material distribuído aos docentes, sem incentivo direto à leitura crítica.

Os objetivos, apesar de aparentarem educacionais, devem ser vistos como mercadológicos, por não haver referência ou incentivo à formação crítica do leitor com a leitura crítica da própria mídia. Há ainda, em um dos objetivos apresentados com determinada atividade, entre quatro pedagógicos, um nitidamente mercadológico: *“observação de exemplar de jornal como consumo (Produto)”* (p. 2).

A participação da pesquisadora nas oficinas oferecidas aos docentes que integram o Programa Beta, sendo em maior número de participantes professores do ensino fundamental, permitiu perceber que os professores expandem pouco as sugestões oferecidas pelos manuais de treinamento. Há poucos momentos de criatividade, tendo aparecido somente em 3 casos, com uma ampliação da atividade sugerida. Apenas uma vez foi realizada uma crítica à mídia, quando um docente se referiu a uma foto de um casal de políticos como sendo comemoração do dia dos namorados, o que não era verdade e os leitores sabiam disso, que não se tratava de um casal. Participar desta oficina revelou que este tipo de atividade direcionada aos professores somente estimula-os a colocar em prática as “receitas” sugeridas no manual que o jornal oferece, favorecendo quase nada a formação do professor.

2.3 A posição dos responsáveis pelos programas de uso de jornal em sala de aula

Com o objetivo de complementar a análise dos Programas de Uso de Jornal em sala de aula, foi elaborado um questionário, enviado via e-mail, para 50 responsáveis pelos 50 programas com este fim existentes no Brasil, todos filiados à Associação Nacional de Jornais (ANJ). Dos 50, 11 responderam, ou seja, 22%. A quantia é significativa e houve bastante interesse dos responsáveis, pois o prazo para o envio das respostas foi de somente uma semana.

A primeira questão é relativa à iniciativa da implantação do Programa de uso de jornal em sala de aula. De acordo com as respostas, a iniciativa partiu dos proprietários do jornal (8), seguida da administração (2) e da redação (1). Observa-se assim que o programa realmente é interessante do ponto de vista empresarial, já que os próprios proprietários, em grande parte, tiveram a iniciativa de levar exemplares para dentro das escolas.

A questão seguinte é relativa ao início do Programa de Uso de Jornal em sala de Aula. Para a implantação, a empresa jornalística procurou especialista em alguma área, sendo a principal área a Educação (6), seguida pela Comunicação (1), Marketing (1), uma Empresa especializada em programas de uso de jornal em sala de aula (1) e outros (3) - sendo que em uma das respostas aparece que foi contratado um escritor que trabalha com leitura; em outro caso, foram procurados coordenadores de outros jornais que já tinham o Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula e também foi procurada a ANJ. Observa-se que o número de respostas ultrapassa a quantidade de questionários analisados (11), porque um dos responsáveis respondeu que a empresa optou por especialista em Comunicação e também em Marketing. Observa-se, então, que há uma preocupação em procurar um especialista em Educação, ou seja, a Educação está mesmo deixando uma lacuna para ser preenchida pela Comunicação.

A questão três diz respeito à pessoa ou equipe responsável pelo Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula, sendo que, no caso de equipe, foi

questionado o número de pessoas a compõe e qual a função do coordenador e dos membros da equipe no jornal. A maioria das respostas (7) afirma que há uma equipe, geralmente composta por 3 pessoas, sendo sempre um coordenador pedagógico, um jornalista e um editor. Em somente três casos há uma única pessoa. Também não houve, em 6 respostas, a especificação da função do responsável e dos membros da equipe. As funções dos membros da equipe relatadas são: coordenador pedagógico, funcionário ligado à diretoria do jornal, pedagoga, especialista em educação, professores, jornalistas, editores, subeditores, repórteres e redator-chefe. Geralmente a equipe é composta por membros de ambas as áreas, Educação e Comunicação e também por representantes de cargos de chefia, como editores e pessoas ligadas à diretoria. Há, portanto, interesse, envolvimento e investimento de funcionários do jornal que, provavelmente, em certos momentos, desviam de suas funções para que trabalhem no Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula.

A quarta questão diz respeito ao modo como ocorreu a escolha do profissional responsável pelo Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula ou à equipe responsável. De acordo com as respostas, a escolha sempre parte da direção do jornal e geralmente envolve uma pessoa ligada à Educação:

- *indicação de um diretor-geral de professor universitário em Educação;*
- *indicação de um profissional especializado em Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula;*
- *indicação de um articulista do jornal, também professor de Língua Portuguesa;*
- *indicação do próprio diretor;*
- *indicação de um jornalista recém-contratado, formado em Publicidade e Marketing, Psicologia e também é professor;*
- *indicação de uma pedagoga, uma administradora e uma assistente;*
- *indicação de um professor, que também é um funcionário antigo e*
- *indicação de um professor de ensino médio, que também trabalha no jornal.*

Observação: em dois questionários não havia a resposta para esta pergunta.

Apesar de serem muitos os profissionais da Educação envolvidos, poucos são formados também em Comunicação ou são especialistas em Programas para o Uso de Jornal em Sala de Aula. Trata-se de uma área interdisciplinar, que exige iniciativa pessoal de um pedagogo (especialista em educação) ou comunicólogo, no sentido de buscar uma integração entre as duas áreas de conhecimento (Educação e Comunicação). Acredita-se que o responsável pelo programa de uso de jornal em sala de aula deveria ter experiência em ambas as áreas, conhecer as interfaces da mídia, com suas manipulações e ideologias e, ao mesmo tempo, atender às necessidades da Educação em agregar os meios de comunicação em sala de aula, exigência da sociedade contemporânea.

A quinta questão é relativa ao modo como o jornal contata as escolas para a implantação do Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula. Na maior parte das vezes, o primeiro contato é com professores (8), seguido de coordenadores (6), diretores (4) e outros (3), sendo, neste caso, as escolas que solicitam o programa e parcerias com secretarias Estadual e Municipal de Educação e Diretorias de Estadual e Municipal de Ensino. Também nesta questão, o número total de respostas ultrapassa o número de consultados (11), pois alguns programas escolheram em duas alternativas.

A questão seguinte é relativa ao profissional que realiza a capacitação dos professores para o uso do jornal em sala de aula. Pretendeu-se descobrir qual a especialidade desta pessoa e sua formação. As respostas demonstram que, em todos os casos, há sempre um coordenador pedagógico, um professor, um educador ou um especialista em Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula, sendo as respostas:

- *coordenador pedagógico, um sociólogo e psicopedagogo;*
- *educador pós-graduado;*
- *especialista em Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula;*
- *professor de Língua Portuguesa;*

- *professor com formação em Pedagogia, Estudos Sociais e pós-graduação em leitura e animação cultural;*
- *pedagogo;*
- *professora mestre em psicologia;*
- *professora e jornalista;*
- *professor e*
- *licenciado em Letras.*

Uma das respostas à questão seis merece uma atenção especial. A pessoa encarregada pelo programa responde que ainda não há ninguém fazendo esta capacitação; há somente a entrega dos exemplares às escolas. *“Mas, ano que vem terá que ter alguém, porque os professores utilizam o jornal de forma como acham melhor e nem sempre é a mais correta”* (2005, entrevista on line). A resposta pode evidenciar uma possível improvisação dos professores (“como acham melhor”) e, fundamentalmente, revela a deficiência de formação para a aplicação didático-pedagógica do jornal. Por outro lado, pode-se também supor que, na hipótese dos professores fazerem um trabalho crítico com as reportagens, a empresa acredita que a aplicação do jornal em sala de aula não é realizada de modo adequado, surgindo então a argumentação de que a utilização do jornal em sala de aula *“nem sempre é a mais correta”*, necessitando a orientação de alguém indicado pela empresa.

Ao refletirmos sobre esta afirmação, fica a questão: o próprio professor é quem deveria saber como utilizar esse recurso-didático pedagógico, com todo o seu potencial. Por que não o faz? Será que é por falta de preparo nos cursos de formação de professores e, sendo assim, a empresa jornalística acaba fazendo este papel? Ou, quando o faz de modo crítico, acaba sendo orientado como convém às empresas jornalísticas?

A pergunta sete questiona de que forma é oferecida a capacitação dos professores que fazem parte do Programa de Uso do Jornal em Sala de Aula. A maioria das respostas revela que é feita por meio de oficinas, cursos, encontros, palestras e reuniões. As oficinas aparecem em muitas respostas (9),

sendo vista como o principal meio para a capacitação dos professores. Geralmente essas oficinas são acompanhadas, de acordo com as respostas, de encontros e palestras. As oficinas são os meios do jornal apresentarem as “receitas” de como utilizar o jornal em sala de aula. Em um questionário esta pergunta não foi respondida e em outro, a capacitação é feita por meio de um curso.

A questão número oito, complementando a anterior, questiona como e quando é feito o acompanhamento aos professores que integram o Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula. Em 9 das 11 respostas não afirmam se há alguma periodicidade neste acompanhamento, apenas que é feito por meio das próprias oficinas, nos encontros, nos cursos, módulos, os mesmos itens citados na questão anterior. Em somente dois casos, há acompanhamento: em um deles é mensal ou bimestral, por meio de visitas para avaliação e troca de informações e em outro caso, é bimestral, através de módulos e reuniões.

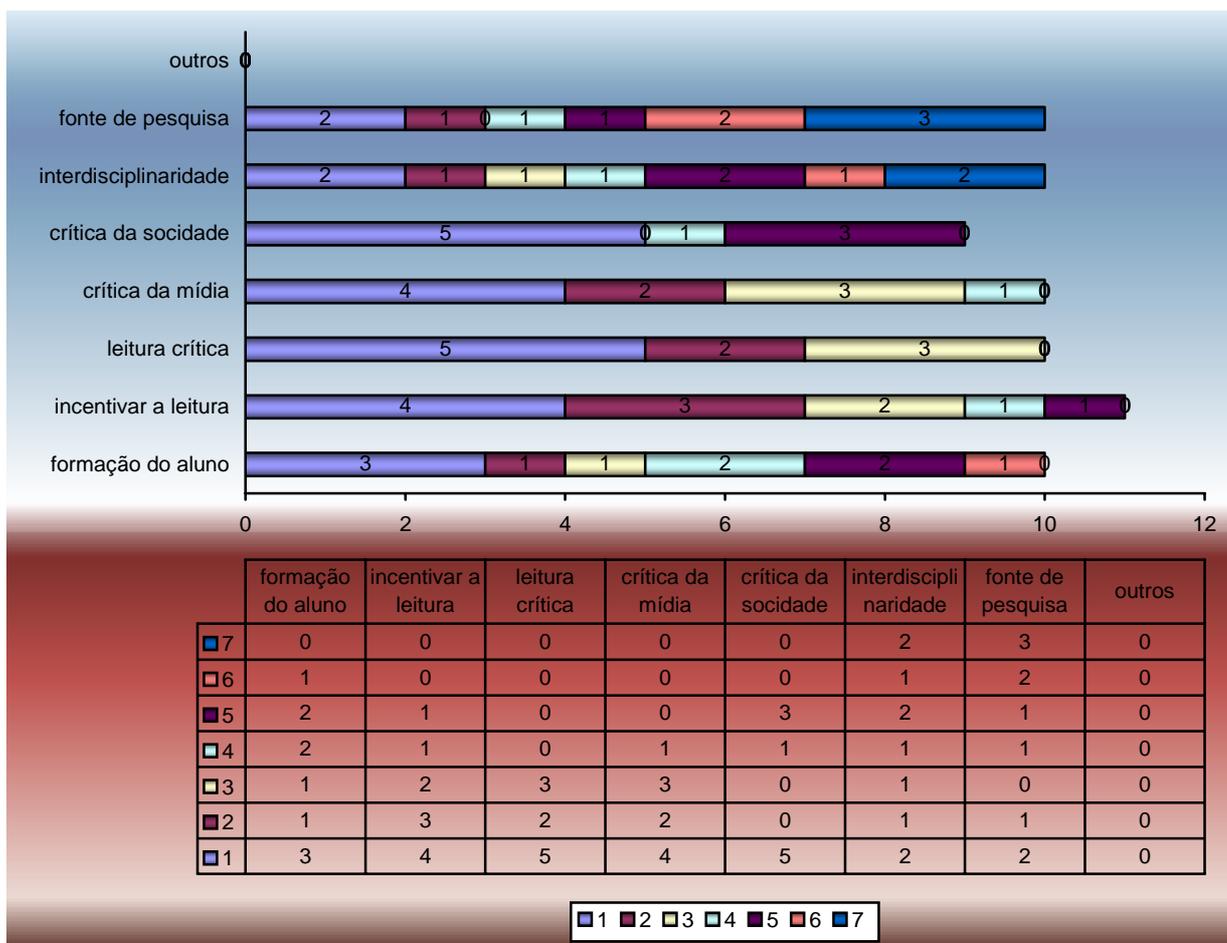
Observa-se, mais uma vez, o interesse mais mercadológico das empresas ao apresentarem os programas e não trabalharem continuamente com os professores aplicadores, não acompanham a maneira como os professores utilizam o jornal como instrumento didático-pedagógico inovador, motivador e incentivador da leitura crítica.

As duas últimas questões, relativas aos objetivos do Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula e da empresa jornalística ao implantar este tipo de projeto, são as mais relevantes para a proposta desta dissertação. Os objetivos foram apresentados e o coordenador deveria escolher de acordo com o grau de importância, sendo 1 para o mais importante, em ordem decrescente, até 5. Como na questão 9 havia 7 itens, muitos foram até o 7 e, na questão 6, até o 6, por haver 6 itens. Os objetivos foram elencados de acordo com as subcategorias de avaliação dos Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula. Todas as subcategorias aparecem como possíveis objetivos dos programas e das empresas nas questões seguintes.

A questão nove, objetivos do Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula, apontou os seguintes: contribuir com a formação educacional dos estudantes; incentivar a leitura do jornal; promover uma leitura crítica dos

conteúdos impressos; promover uma leitura crítica da mídia em geral; estimular a análise crítica da própria sociedade; auxiliar a escola em projetos interdisciplinares; apontar que o jornal é uma interessante fonte de pesquisa e outros.

Gráfico 1: Objetivos dos Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula



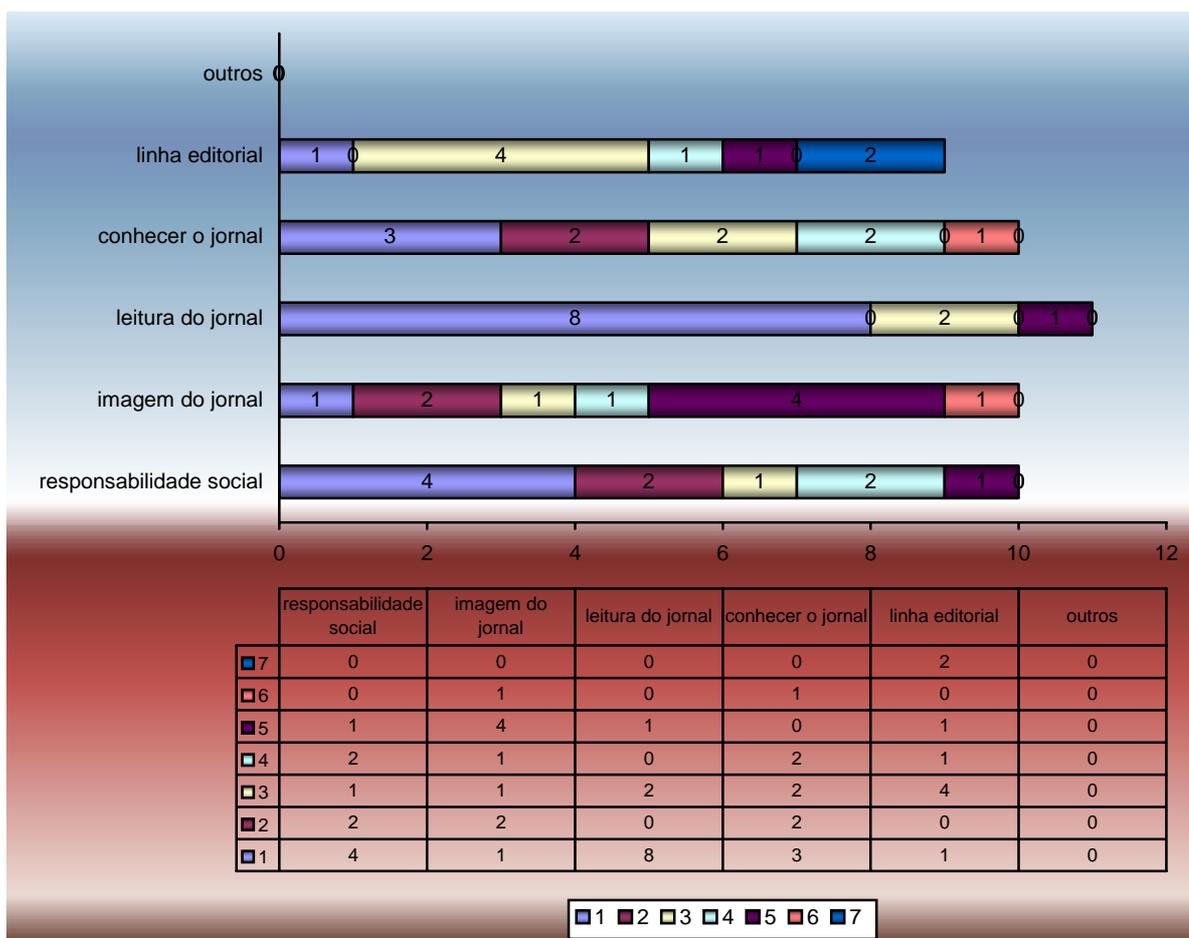
As respostas demonstram que a prioridade dos objetivos é promover a leitura crítica e a crítica à sociedade, seguida por incentivar a leitura crítica da mídia. O jornal como fonte de pesquisa está entre os objetivos menos principais, assim como a interdisciplinaridade.

Nesta resposta, pode-se observar uma incoerência, pois, de acordo com os teóricos apresentados nesta dissertação, a leitura crítica ocorre por meio de questionamentos e, para que isso ocorra, o jornal precisa ser visto como uma fonte de pesquisa. A crítica da mídia aparece em segundo lugar, empatado com os objetivos de leitura do jornal e crítica da sociedade. Apesar

de ser um objetivo bastante importante, nos programas avaliados anteriormente, a crítica da mídia é pouco explorada, como já foi apresentado.

A última questão diz respeito aos objetivos da empresa ao implantar o Programa de Uso de Jornal em sala de aula: investir em novos leitores; promover ações de responsabilidade social; investir na melhoria da imagem do jornal; incentivar a leitura do jornal; fazer com que alunos e professores conheçam o jornal; difundir a filosofia editorial do jornal e outros. As respostas também foram em ordem decrescente de prioridade, sendo 1 o objetivo mais importante.

Gráfico 2: Objetivos das Empresas com os Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula



O principal objetivo defendido pelas empresas ao implantar o Programa de Uso de Jornal em Sala de Aula é o de incentivar a leitura do jornal. Apesar de contar com uma ideologia que, implicitamente, é difundida quando se lê um

jornal, o objetivo difundir a ideologia do jornal apareceu em somente um momento como o objetivo principal da empresa e em outros três momentos como o 3º objetivo da empresa. Por mais que esses objetivos não sejam declarados, estão implícitos quando se deseja fazer com que os alunos leiam o jornal, bem como, ao ler, incentivam a aquisição de novos leitores. Os objetivos estão amarrados e um é consequência de outro.

Refletindo sobre as respostas dos 11 responsáveis por Programas de Uso de Jornal em sala de aula e a avaliação dos dois programas voltados para este fim, pode-se acreditar que alguns dos aspectos positivos destes programas são: a preocupação ou o interesse pedagógico, com incentivo a leitura e a escolha de profissionais da educação para serem responsáveis pelo projeto, com a realização de oficinas para a capacitação de professores. Sob estes aspectos, a iniciativa das empresas jornalísticas, em elaborar e propiciar aos professores a participação de programas para o uso do jornal em sala de aula, pode ser louvável do ponto de vista do incentivo à leitura e a formação de novos leitores, já que o número de consumidores de jornal está em queda.

Por outro lado, a crítica à própria mídia, essencial para uma leitura crítica, que instiga a pesquisa e a procura de outros meios, de outras fontes de informação, não aparece de forma satisfatória nos materiais dos programas de uso de jornal em sala de aula avaliados.

Pela presente pesquisa, foi verificado que os programas avaliados apresentam distorções em seus objetivos, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da criticidade e ao incentivo à pesquisa e ampliação do conhecimento, o que prejudica a aplicação do jornal como instrumento pedagógico enriquecedor e inovador. Pode-se ainda constatar que há objetivos mercadológicos das empresas jornalísticas, confirmados com as respostas dos questionários, que nem sempre condizem com objetivos pedagógicos ou educacionais..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se reconhecermos a importância da mídia na sociedade contemporânea, também denominada sociedade do conhecimento, os professores ainda estão distantes de um bom uso didático pedagógico da mídia jornal em sala de aula a depender das iniciativas das próprias empresas jornalísticas.

Em que pese o valor cultural do empreendimento que essas empresas propõem às escolas com programas especiais de incentivo à leitura do jornal, pela amostragem da presente pesquisa, constata-se que ainda é incipiente o projeto de capacitação docente com fins didáticos. Os programas não escondem seus objetivos reais, de conquistar novos leitores, mesmo assim contribuem para uma formação tardia dos professores, na carona dos interesses mercadológicos.

À sua maneira, com interesses mais econômicos que pedagógicos, essas empresas preenchem uma lacuna dos cursos de licenciatura em geral, ao mesmo tempo em que revelam as deficiências de formação de professores no atual contexto da sociedade do conhecimento.

Os programas não devem ser recriminados pelo que deixam de fazer ou pelo que fazem claramente: conquista de novos leitores. De certo modo estão contribuindo para reduzir esta lacuna entre os professores e a mídia. O uso de jornal em sala de aula pode ser uma boa alternativa para os docentes que visam realmente a construção do conhecimento com os alunos, tendo o jornal como fonte de pesquisa e algo a ser lido diária e criticamente, para a

atualização e formação de opiniões. Para isso, não basta recortar reportagens e ilustrar, tem que haver criticidade e é importante também uma periodicidade regular no trabalho com jornal, para incentivar a leitura e a pesquisa.

Para esboçar uma resposta à questão norteadora deste trabalho: qual a proposta pedagógica destes programas de uso de jornal em sala de aula, seus fundamentos e metodologias de trabalho, que podem auxiliar e complementar a capacitação do professor em relação à aplicação do jornal como recurso didático pedagógico?, é possível dizer que os programas de uso de jornal em sala de aula poderiam se tornar uma forma de extensão do conhecimento sobre os meios de comunicação.

Os programas para o uso de jornal em sala de aula possuem um grande potencial e influenciam a prática docente, caso contrário o número de programas voltados para este fim não cresceria ano a ano. Há aspectos positivos nestes programas, como a explanação de como funciona um jornal, com as editorias, os diferentes textos jornalísticos e a apresentação de jargões jornalísticos, entre outros. Há ainda outro fator bastante positivo e que é visto como o principal objetivo das empresas jornalísticas que contam com estes programas, incentivar a leitura. Por mais que esteja implícito o vender jornal e conquistar novos leitores e por mais que sejam os problemas envolvendo a mídia, a leitura é fundamental para a melhora da escrita, da fala e do conhecimento em geral. Também outro aspecto relevante desvendado pela pesquisa é o principal objetivo dos programas com os alunos, que é incentivar a leitura crítica e a crítica à sociedade.

Por outro lado, há deficiências como pouco incentivo à realização de uma crítica à própria mídia, apresentando seus papéis e manipulações e também explorando pouco o jornal como fonte de pesquisa e informação. Há uma preocupação pedagógica nestes programas, mas muito mais voltada ao como fazer, com as “receitas” de como utilizar o jornal em sala de aula do que para o conhecimento da mídia e das potencialidades do jornal. Mas essa tendência pode ser analisada como sendo uma resposta às necessidades dos próprios docentes, que não obtiveram, em seus cursos de licenciatura, conhecimento sobre os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação e da comunicação.

Mais uma vez a reflexão será ampliada para os meios de comunicação e às novas tecnologias da informação e da comunicação. A utilização dos meios de comunicação, nos quais o jornal está incluído, e das novas tecnologias da informação e comunicação, como instrumentos didático-pedagógicos, deveria ser debatida e apresentada nas licenciaturas. Os cursos de licenciatura deveriam preparar os futuros docentes para a aplicação dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação e da comunicação em sala em sala de aula, vislumbrando as manipulações e direcionamentos que a mídia proporciona aos leitores, por exemplo com o *agenda setting*. Seria interessante incluir, nas licenciaturas, noções sobre mídia, não havendo a necessidade de uma disciplina específica para o tema, mas sim um posicionamento sobre a mídia já que o contexto contemporâneo exige esta postura.

Pode-se assim fazer uma crítica a determinadas metodologias de ensino atuais, que não estão atentas às necessidades da sociedade atual e perde um precioso espaço de formação de professores para o uso didático-pedagógico dos meios de comunicação e das novas tecnologias da comunicação e da informação em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALVES, Amélia Maria de Almeida. O projeto “O uso dos Meios de Comunicação Social na Escola”: Uma experiência em curso. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

ALVES, Nilda (Org). **Formação de Professores: pensar e fazer**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ANTUNES, Jacy Lais da S. Piniano. **Apropriação tecnológica na educação: estudo analítico da proposta a escola de cara nova na era da informática, da rede pública estadual de Campinas**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Educação - PUC-Campinas, 2001.

AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de. Pensamento reflexivo, pensamento crítico e televisão. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

BARROS FILHO, Clóvis. Mundos Possíveis e Mundos Agendados: Um estudo do uso da mídia na sala de aula. In BARZOTTO, Valdir Heitor & GHILARDI, Maria Inez. **Mídia, Educação e Leitura**. São Paulo: Editoria Morumbi, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEHRENS. Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BEHRENS. Marilda Aparecida, MASETTO, Marcos T. e MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 8.ed. Campinas: Papirus, 2004.

BEHERENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: BEHERENS, Marilda Aparecida, MASETTO, Marcos T. e MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 8.ed. Campinas: Papirus, 2004.

BELLUZZO, Regina Célia. A aprendizagem ao longo da vida: Um desafio para a educação na sociedade do conhecimento. In: RIVERO, Célia Maria e GALLO, Sílvio (Org). **A formação de professores na sociedade do conhecimento**. Bauru:Edusc, 2004.

BERABA, Marcelo. O Futuro dos Grandes. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 13 de mar. 2005. Caderno Brasil, p. A6.

BERABA, Marcelo. Confiança dos Leitores. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 05 de jun. 2005. Caderno Brasil, p. A6.

BERABA, Marcelo. A Musa. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 07 de agos. 2005. Caderno Brasil, p. A6.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição Humana. 39.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BORDENAVE, Juan E. Días. **O que é comunicação**. 30.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Parte I Brasília: MEC, 2000.

CALDAS, Graça. Leitura crítica da mídia: educação para a cidadania. In: **Revista Comunicarte**. Nº 25, Campinas: PUC-Campinas, 2002.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4e. Rio de Janeiro: E. UFRJ, 2001.

CANCLINI, Nestor García. **A produção simbólica**: teoria de metodologia em sociologia da arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (Orgs). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2.ed. Campinas: Papirus, 2002.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. 3.ed. São Paulo: Senac, 2004.

CUNHA, Maria Isabel da. Inovações: Conceitos e Práticas. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (Orgs). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Bauru: J.M. Editora, 2005.

DEMO, Pedro. Obsessão inovadora do Conhecimento Moderno. In: DEMO, Pedro. **Conhecimento Moderno**: sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1997.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FADEL, Susana de Jesus. **Formação de professores para uma competência midiática**: da teoria à prática. Dissertação de Mestrado. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Educação – PUC-Campinas, 2005.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FAZENDA, Ivani (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 6.ed. Campinas: Papyrus, 2004.

FAZENDA, Ivani. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**. São Paulo: Loyola, 1993.

FREINET, Célestin. **Para uma escola do povo**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**. 39.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GOMES, Pedro Gilberto. Estratégias para um melhor uso dos meios de Comunicação para os grupos de população desfavorecidos: a participação dos receptores. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

GOMES, Pedro Gilberto. O Projeto de leitura crítica da UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação). In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem**. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências – Jornalismo, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2002.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

LOZZA, Carmen. **Os programas de jornal na educação brasileiros: um diagnóstico**. Disponível em <<http://www.anj.org.br/?q=node/40>>. Acesso em: 18 de abr. 2005.

LOZZA, Carmen. **Programas de leitura conquistam novos leitores e estimulam cidadania**. Disponível em <<http://www.anj.org.br/?q=node/40>>. Acesso em: 22 de out. 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Presença dos Meios de Comunicação na Escola: Utilização pedagógica e preparação para a cidadania. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MASETTO, Marcos T. In: BEHRENS. Marilda Aparecida, MASETTO, Marcos T. e MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 8.ed. Campinas: Papirus, 2004.

MELLO, Patrícia Mansão. Uma nova proposta de Jornal Escolar. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 2003.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: BEHRENS, Marilda Aparecida, MASETTO, Marcos T. e MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 8.ed. Campinas: Papirus, 2004.

MOREIRA, Marco Antonio. **Ensino e Aprendizagem**: enfoques teóricos. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1983.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Currículo**: questões atuais. 6.ed. Campinas: Papirus, 2001.

NOGUEIRA, Madza Julita. Jornal na escola: da leitura de jornais ao jornal escolar. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

PEREZ, Clotilde e BAIRON, Sérgio. **Comunicação e Marketing**: teorias da comunicação e novas mídias, um estudo prático. São Paulo: Futura, 2002.

POLONI, Delacir A. Ramos. **Integração e Interdisciplinaridade**: uma ação pedagógica. Disponível em <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/delacirinter.html>> Acesso em: 28 de out. 2005.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 20.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

RAMOS, Ricardo. **Contato imediato com propaganda**. 2.ed. São Paulo: Global, 1990.

RIOS, Terezinha Azeredo. Ética e Interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani (Org). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 6 ed. Campinas: Papirus, 2004.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet**: evolução histórica e atualidades. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1994.

SAMPAIO, Marisa Narcizo & LEITE, Lúcia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A importância do Ler e do escrever no Ensino Superior. In: CASTANHO, Sérgio & CASTANHO, Maria Eugênia (Org). **Temas**

e Textos em Metodologia do Ensino Superior. 2.ed. Campinas: Papirus, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Recepção crítica dos Meios de Comunicação de Massa. Projetos em Desenvolvimento. In. KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação e Educação – Caminhos Cruzados.** São Paulo: Loyola, 1986.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Para uma leitura crítica dos jornais.** 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

SOUSA, Mauro Wilton de. Comunicação e Educação: Entre meios e mediações. In: **Cadernos de Pesquisa.** Nº 106. Campinas:Autores Associados, 1999.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade.** 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

TOLEDO, Ciça. Para entender a relação educação-imprensa. In BARZOTTO, Valdir Heitor & GHILARDI, Maria Inez. **Mídia, Educação e Leitura.** São Paulo: Morumbi, 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento:** projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. 12.ed. São Paulo: Libertad, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** São Paulo: Presença, 2001.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de Informação:** como transformar informação em compreensão. 5.ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1995.

ANEXOS

ANEXO A

PLANILHA DE AVALIAÇÃO – PROGRAMA

CATEGORIAS referentes a:	SUBCATEGORIAS referentes a:	SIM	NÃO	OBSERVAÇÕES
Capacitação dos professores	Estímulo à reflexão crítica no uso do jornal			
	Apresentação dos papéis da mídia			
	Construção de um conhecimento			
Desenvolvimento de uma competência midiática no docente	Explicação de como funciona o jornal			
	Apresentação de editoriais, cadernos e seus conteúdos			
	Explicação de jargões jornalísticos			
	Diferenças entre os tipos de textos jornalísticos			
Jornal como instrumento didático-pedagógico	Uso do jornal como ilustração de conteúdo de aula/disciplina			
	Uso do jornal para análise factual da sociedade			
	Uso do jornal para análise da própria mídia (jornal)			
	Uso do jornal como fonte de pesquisa			

Jornal como instrumento que estimula a criticidade	Incentiva a leitura crítica, que proporciona ruptura com o que foi divulgado			
Jornal como instrumento que promove a interdisciplinaridade	Protocolo de trabalhos que integram vários professores e diferentes disciplinas			

ANEXO B

INSTRUÇÕES PARA RESPOSTA

Sou jornalista e mestranda em Educação da PUC-Campinas. Como hoje em dia a Educação utiliza muitos meios de comunicação, visando a motivação dos alunos e o enriquecimento do conteúdo trabalhado em sala de aula, decidi, em minha dissertação de mestrado, abordar a utilização do jornal em sala de aula, pois consigo unir as duas áreas das quais faço parte: a Comunicação e a Educação. Por este motivo envio o questionário abaixo. São dez questões, todas relativas ao Programa de uso de jornal em sala de aula, desenvolvido pela empresa jornalística. Deve ser respondido pelo coordenador ou responsável pelo Programa de uso de jornal em sala de aula e das atividades relativas a ele. Não há a necessidade de identificação de quem respondeu, como também não é preciso citar nomes nas respostas. Se houver mais observações importantes a fazer, por favor, inclua no final das questões. Enviar o questionário respondido para rebecaparoli@terra.com.br, preferivelmente até o próximo dia 28, sexta-feira.

QUESTIONÁRIO

- 1) A iniciativa da implantação do **Programa de uso de jornal em sala de aula** partiu:
 - () dos proprietários do jornal () da administração () da redação
 - () das escolas, que solicitaram exemplares de jornal para uso em sala de aula
 - () outros Quais?

- 2) Para iniciar o **Programa de uso do jornal em sala de aula**, a sua empresa procurou:
 - () um especialista em Educação, () em Comunicação () em Marketing
 - () uma empresa especializada em Programas para uso de jornal em sala de aula
 - () outros Quais?

- 3) O jornal possui alguém responsável pelo **Programa** ou há uma equipe envolvida com o projeto? No caso de equipe, quantas pessoas a compõem? Se há somente uma pessoa, qual a sua função no jornal?

- 4) Como ocorreu a escolha do profissional responsável ou a montagem da equipe?

- 5) Como o jornal procura contatar as escolas para a implantação do **Programa**?
- por meio de diretores coordenadores professores
 associação de pais e mestres os próprios alunos
 outro meio Qual?
- 6) Que profissional realiza a capacitação dos professores que aderiram ao **Programa de uso do jornal em sala de aula** e qual a sua formação?
- 7) De que forma a empresa oferece capacitação aos professores que fazem parte do **Programa de uso do jornal em sala de aula**?
- 8) A empresa oferece acompanhamento aos professores que participam do **Programa**? Qual? Como?
- 9) Dentre as alternativas abaixo, quais as que mais se aproximam dos objetivos do **Programa de uso do jornal em sala de aula** de sua empresa. Selecione quantas quiser, de acordo com o grau de prioridade de objetivos, sendo 1 para a primeira prioridade, 2 para a segunda prioridade, em grau decrescente, até 5 para a prioridade menor.
- contribuir com a formação educacional dos estudantes
 incentivar a leitura do jornal
 promover uma leitura crítica dos conteúdos impressos
 promover uma leitura crítica da mídia em geral
 estimular a análise crítica da própria sociedade
 auxiliar a escola em projetos interdisciplinares
 apontar que o jornal é uma interessante fonte de pesquisa
 outros Quais?

10) Dentre as alternativas abaixo, quais as que mais se aproximam dos objetivos da sua **empresa** com a implantação do **Programa de uso do jornal em sala de aula**. Selecione quantas quiser, de acordo com o grau de prioridade de objetivos, sendo 1 para a primeira prioridade, 2 para a segunda prioridade, em grau decrescente, até 5 para a prioridade menor.

- () investir em novos leitores
- () promover ações de responsabilidade social
- () investir na melhoria da imagem do jornal
- () incentivar a leitura do jornal
- () fazer com que alunos e professores conheçam o jornal
- () difundir a filosofia editorial do jornal
- () Outros

Quais?

Sugestões e comentários:

ANEXO C

Ilmo(a). Sr(a). Coordenador(a)

Saudações.

A orientanda e jornalista REBECA PAROLI, cursando o Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas, está desenvolvendo sua dissertação final de mestrado para obtenção do título de mestre em Educação. Mais especificamente, trata-se de um projeto de pesquisa sobre **Programas de Uso de Jornal em Sala de Aula**.

Ciente que esta conceituada empresa jornalística desenvolve um Programa de aplicação do jornal como instrumento didático-pedagógico junto a algumas escolas da região, gostaríamos de obter mais informações para a pesquisa, de modo a conhecer um pouco mais sobre essa iniciativa.

Por este motivo enviamos o questionário anexo, com questões relativas ao Programa oferecido por sua Empresa. Solicitamos o favor de responder as questões, via correio eletrônico, para que o trabalho de Rebeca, com certeza, possa se enriquecer com os dados pertinentes à pesquisa.

Informamos que os dados fornecidos serão mantidos em sigilo, sendo analisados e categorizados exclusivamente para a elaboração da dissertação, que ficará a disposição dos interessados para consulta interna na Universidade.

Certo da atenção de V.Sa., desde já agradecemos qualquer contribuição que venha a oferecer à aluna.

Prof. Dr. João Baptista de Almeida Júnior
Orientador Responsável